

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano III — Número 27

Março de 1965

Semana de Oração dos Missionários Voluntários

Quarenta e cinco por cento dos membros de igreja são jovens entre os dez e os trinta anos de idade. Estes jovens estão em urgente necessidade de despertamento espiritual. É por isso que a Igreja Adventista dedica anualmente uma semana à juventude, cujas datas, em Angola, foram estabelecidas do seguinte modo: nas igrejas europeias, de 20 a 27 de Março, aproveitando as férias escolares em que os jovens estão mais livres para assistir às reuniões; nas Missões, de 24 de Abril a 1 de Maio, atendendo ao facto de que depois das férias será mais fácil reunir os jovens visto se encontrarem de novo nas escolas.

Apresentamos as seguintes recomendações para tornar a Semana dos M V mais eficiente no reavivamento dos nossos jovens e na obtenção de decisões para baptismos:

1. Os dirigentes MV devem reunir-se previamente com o pastor da igreja a fim de estudar planos para a Semana dos M V.

2. Deve fazer-se um fervoroso esforço para incluir toda a igreja num programa de participação total durante a Semana dos MV em favor da juventude.

3. Algum tempo antes do início da Semana de Oração dos M V, devem organizar-se Equipas de amizade para ajudar sobretudo os jovens isolados ou desanimados. (Sobre o funcionamento ver o número de Janeiro do Boletim.) Escolham os jovens pessoas que gostariam de visitar ou sejam-lhes destinados nomes pelo Conselho Executivo dos MV se não tiverem preferência. Depois de os indivíduos terem sido visitados convidem-se a assistir à Semana da Juventude.

4. Se na igreja há uma escola, deve fazer-se com os alunos um esforço especial.

5. Para os jovens que fizerem a sua decisão durante esta Semana deve organizar-se uma Classe Baptismal.

Permita o Senhor que a Semana dos MV deste ano seja abençoada com um despertamento espiritual entre os jovens que se encontram dentro da Igreja, o regresso dos que desanimaram e a decisão de seguirem Jesus para os que agora começam.

União Angolana
Departamento dos M. V.

A Maior História de Amor

por Lawrence Nelson

Texto: Mateus 25:1-13.

Os jovens gostam de sonhar com casamentos. Os jovens falam durante horas acerca de cerimônias de casamento. Alguns viajam milhares de quilômetros só para participar ou assistir a um casamento. Como a mãe gosta de pensar no casamento de sua filha! Durante meses seguidos faz planos para ele. E o pai — embora possa ter pesadelos quando pensa nas despesas — sente-se emocionado ao pensar nesse acontecimento.

Cristo sublinha a necessidade da preparação para o matrimônio

Imaginemos o cenário da nossa história de hoje. Jesus está sentado no monte das Oliveiras. Os seus discípulos estão reunidos em volta d'Ele. As sombras do crepúsculo adensam-se no horizonte. Os discípulos observam um expectante grupo de pessoas que, no fundo da colina, aguardam a oportunidade de se unirem ao noivo no seu cortejo. Está prestes a realizar-se um casamento. Ao olharem o Senhor e Seus discípulos para esta emocionante cena, Jesus conta a seguinte bela história.

Dez virgens, aparentemente idênticas, estão vestidas de branco. Cada uma delas tem uma lâmpada; cada uma tem um frasco para azeite. Cada uma está aguardando e vigiando. Cada uma delas adormece, e de repente todas ouvem o clamor: «Aí vem o esposo.» Mas vê-de! Cinco das virgens negligenciaram encher seus frascos de azeite. Aparentemente não esperavam tão longa tardança. Pediram azeite às outras cinco, mas estas recusaram. Cinco têm as suas lâmpadas preparadas e acesas, mas cinco deixam a cena e vão a uma loja próxima para ver se conseguem comprar o azeite. De repente aparece o noivo. As cinco virgens que estão preparadas unem-se ao cortejo. Em breve chegam à casa onde se celebrarão as bodas. Entram na casa. A porta fecha-se. Dentro há a alegria e a jovialidade e a excitação que sempre caracterizam as bodas. Pouco depois, as cinco que não estavam preparadas aparecem à porta e batem, mas recebem uma inesperada recusa. Isto é um símbolo do que sucede à Igreja antes da segunda vinda de Jesus.

Nesta visão profética, Deus descreveu-nos a condição da Igreja precisamente antes de Cristo vir pela segunda vez. Numa história de casamento encontramos os seguintes pormenores de interesse: há um namoro, a preparação do noivo, a preparação da noiva, a data do casamento, os convites, os convidados, os tra-

jes especiais para essa ocasião, as prendas, o pregador para a cerimônia e o banquete.

«Tanto no Velho como no Novo Testamento, as relações conjugais são empregadas para representar a terna e sagrada união que existe entre Cristo e o Seu povo. Ao espírito de Jesus, a alegria das bodas apontava ao regozijo daquele dia em que levará Sua esposa para o lar do Pai e os remidos juntamente com o Redentor se assentarão para a ceia das bodas do cordeiro.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 107.

Vejamos este matrimônio desde o seu início.

A maior história de amor de todos os tempos

Quando um jovem escolhe uma futura esposa, deve primeiro provar o seu amor. Desde o início, Cristo revelou o Seu amor pela humanidade. Quando o pecado entrou no mundo, provocando uma separação entre o homem e Deus, imediatamente vemos o Senhor deixando as majestosas cortes do Céu e descendo a esta terra para dizer a Adão e Eva que Ele os amava, e que ia iniciar um plano pelo qual podiam voltar a unir-se ao seu Criador. Isto é dramaticamente descrito em Gênesis 3:8, 9: «E ouviram a voz do Senhor Deus que passeava no jardim pela viração do dia; e escondeu-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás?»

E assim foi durante os quatro mil anos seguintes. A maior história de amor que jamais foi escrita encontra-se na Palavra Sagrada. Não podemos deixar de nos maravilhar do amor de Cristo pelas almas perdidas. Aqui está uma contínua história de amor, misericórdia, perdão e paciência. Finalmente chegou a hora em que Jesus revelou o Seu amor pela Sua futura noiva dando a Sua vida como resgate. Ele morreu «para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna». João 3:16.

Ao meditar neste amor, João foi levado a excluir: «Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos». João 15:13. Paulo, movido pelo Espírito Santo, exclamou: «Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?» «Porque eu estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de

Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor». Romanos 8:35, 38, 39.

Quando Jesus selou o Seu amor dando a vida no Calvário, não houve dúvida em todo o Universo acerca do amor de Deus. Tinha sido provado para além de toda a dúvida. Agora o casamento era na verdade possível.

Todo o homem comprometido encontra-se perante um sério problema. Tem de começar imediatamente a fazer planos que lhe permitam ter uma casa onde viver. E assim sucede com o Senhor Jesus Cristo. Tendo assegurado o seu compromisso, disse aos discípulos em João 14:2: «Vou preparar-vos um lugar.» Imediatamente após o seu regresso ao Céu, Jesus Cristo começou a preparar mansões na glória como lar para a Sua noiva.

Mas há mais! Logo que um jovem encontra uma donzela de sua eleição, fica com grande desejo de a apresentar a seus pais. Assim, Cristo propôs-Se apresentar a Sua noiva a Seu Pai. Em Hebreus 9:24, lemos: «Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus.» Assim o amoroso Jesus Se aproxima do Pai, a fim de poder apresentar-nos a nós, por quem deu Sua vida como supremo sacrifício.

O lugar da cerimónia nupcial

A revelação torna possível ao cristão compreender mais plenamente a grande obra realizada no santuário celeste. No Salmo 77:13, lemos: «O Teu caminho, ó Deus, está no santuário.» À medida que os dias se sucedem, Jesus recebe as orações da Sua futura esposa. É aqui que Ele reconhece o amor dos Seus seguidores. E encontramos-l'O apresentando-nos a Deus para salvação.

«Portanto pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.» Hebreus 7:25.

Não há aqui hoje nenhum filho de Deus que não tenha lido ou ouvido acerca do maravilhoso convite nupcial para este matrimónio. Posso lembrar-vos como foi expresso: «Eis que tenho ... tudo já pronto; vinde às bodas». Mateus 22:4. «Torna-te para Mim, porque Eu te remi». Isaías 44:22. «O Espírito e a Esposa dizem: Vem». Apocalipse 22:17. Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo». Apocalipse 3:20.

Sim, cada um de nós ouviu o maravilhoso convite para ir às bodas. Com efeito, tendes estado ouvindo-o e por longo tempo, alguns há muitos anos. Que Salvador! Ele continua a pleitear connosco, porque não quer que ninguém se perca. (Ver 2 Pedro 3:9).

Data para as bodas

Da mesma maneira como dois jovens combinam a data para a cerimónia do casamento, assim também Deus estabeleceu uma data no

calendário do Universo. Estai preparados; vou alarmar-vos. A grande cerimonia matrimonial acerca da qual vos tenho estado a falar está decorrendo agora! A data inicial foi o Outono de 1844. Durante mais de cem anos a cerimonia tem estado em curso. A proclamação: 'Aí vem o Esposo!', feita no Verão de 1844, levou milhares a esperar o imediato advento do Senhor. No tempo indicado o Esposo veio, não para a Terra, como o povo esperava mas ao Ancião de dias, no Céu, às bodas, à recepção de Seu reino.

«As que estavam preparadas entraram com Ele para as bodas, e fechou-se a porta». Elas não deveriam estar presentes, em pessoa, nas bodas; pois que estas ocorrem no Céu, ao passo que elas estão na Terra. Os seguidores de Cristo devem esperar 'o seu Senhor, quando *houver de voltar* das bodas.' Lucas 12:36. Mas devem compreender o trabalho do Cristo e segui-l'O, pela fé, ao ir Ele perante Deus. É neste sentido que se diz irem eles às bodas. — *O Conflito dos Séculos*, pág. 463.

Em 1844 Cristo entrou no lugar santíssimo. O profeta Daniel apresentou-nos um quadro desta emocionante experiência da entrada do Senhor no lugar santíssimo. «Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de Dias Se assentou; o Seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da Sua cabeça como a limpa lã; o Seu trono chamava-se de fogo, e as rodas dele fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante d'Ele; milhares de milhares O serviam, e milhões de milhões estavam diante d'Ele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.» «Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do Céu um como o Filho de homem; e dirigiu-se ao Ancião de dias, e O fizeram chegar até Ele.» Daniel 7:9, 10, 13. Deus é quem realiza a cerimónia.

Vista de conjunto das bodas

Antes de prosseguirmos, há alguns factos importantes que cada um de nós devia compreender claramente.

1. A cerimónia do matrimónio está agora em curso. (Ver *O Conflito dos Séculos*, pág. 462).

2. «O casamento representa a recepção do Reino por parte de Cristo.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 462.

3. A noiva: «A santa cidade, a nova Jerusalém, que é a capital e representa o Reino é chamada a 'Esposa do Cordeiro'... Claramente, pois a Esposa representa a santa cidade. — *Ibid*, pág. 462.

4. Os convidados: «No Apocalipse é dito que o Povo de Deus são os convidados à Ceia das bodas. Se são convidados, não podem ser também representados pela Esposa». *Ibid*, pág. 462.

5. Conclusão: Até depois de Jesus Cristo aparecer na segunda vinda, nós somos convidados às bodas. A Nova Jerusalém é a noiva, representando os salvos, a capital do Reino. Depois da segunda vinda a igreja é conhecida como sendo a noiva, quando os salvos forem le-

vados para o Céu e postos dentro da cidade. A fim de nos tornarmos a noiva, temos primeiro de nos tornarmos hóspedes.

«Vi que enquanto Jesus estivesse no lugar santíssimo, desposaria a Nova Jerusalém; e, depois que Sua obra se cumprisse no santo dos santos, desceria à Terra com real poder e tomaria para Si os que, preciosos à Sua vista, haviam pacientemente esperado pela Sua volta». — *Testemunhos Selectos*, Vol. II pág. 207.

Como vos encontra Ele?

Até aqui temos notado a alegria e a excitação de umas bodas, mas agora enfrentamos uma nota mais séria. A pergunta que está perante nós é a seguinte: Como convidados, temos cada um posto uma veste nupcial?

E o Rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com vestidos de núpcias. E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo vestido nupcial? E ele emudeceu». Mateus 22:11, 12.

Visto que a cerimónia está agora em curso, todos nós reunidos aqui hoje somos convidados, aguardando aquele glorioso momento em que na realidade nos tornaremos a noiva. Tendes agora a veste nupcial especialmente preparada para vós por Cristo? Ao fixarem-se hoje sobre vós os perscrutadores olhos de Deus, como vos encontra Ele?

«Antes das bodas, vem o Rei para ver os convidados, a fim de verificar se todos têm trajes nupciais, vestes imaculadas do carácter lavado e embranquecido no sangue do Cordeiro. O que é encontrado em falta, é lançado fora, mas todos, os que sendo examinados, se verificar terem vestes nupciais, são aceitos por Deus e considerados dignos de participar do Seu Reino, e assentar-se em Seu trono. Esta obra de exame do carácter, para determinar quem está preparado para o Reino de Deus é a do juízo de investigação, obra final no santuário do Céu». — *Conflito dos Séculos*, págs. 463, 464.

Que é a veste nupcial? «Pela veste nupcial da parábola, é representado o carácter puro e imaculado, que os verdadeiros seguidores de Cristo possuirão, ... que pela fé, é comunicado a todos os que O aceitam como Salvador pessoal». *Parábolas de Jesus*, pág. 310.

No Livro de Apocalipse, Deus mostrou a igreja remanescente na hora final. «Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego e nu». Apocalipse 3:17.

A última palavra devia assustar-nos. Deus vê tantos sem veste nupcial. Então nus. Visto que o tempo é curto, há necessidade de pressa por parte de cada um dentro da igreja para ter a certeza de que Deus o revestiu com o carácter de Cristo. Não basta crer que Jesus não é um impostor. Não basta crer que a Bíblia não é uma fábula artificialmente composta. Devemos receber Jesus como o único nome debaixo do Céu pelo qual havemos de ser salvos.

Muitos conhecem a teoria da verdade. Mui-

tos fazem profissão da verdade e sentem-se seguros por terem os seus nomes escritos no registo da igreja. Mas ouvi: qualquer que seja a nossa profissão: nada valerá se Cristo não for revelado em obras de justiça». — *Parábolas de Jesus*, pag. 313.

Tendes reclamado os privilégios do Cristianismo, ao mesmo tempo que não sentis necessidade do poder transformador de Cristo? Estais seguindo as vossas tendências herdadas e cultivadas sem permitir que Deus vos dê completa vitória? Pensais que sois suficientemente bons para o reino enquanto desculpais o pecado? Deus não desculpa o pecado em Lúcifer, nem em Adão, e Ele não nos fará nenhuma concessão. Esta é a hora em que devemos pôr de lado todo o mau hábito e permitir que o poder transformador de Deus renove os nossos corações.

Como pode tornar-se nossa a veste da justiça de Cristo?

«Ao nos sujeitarmos a Cristo o nosso coração une-se ao Seu, nossa vontade imerge na Sua vontade, nosso espírito torna-se um com Seu Espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça». — *Parábolas de Jesus*, pág. 312.

Quando Jesus terminar a Sua obra no santuário, Deus declarará a igreja como sendo a Esposa de Cristo para sempre. Em breve virá a hora em que Jesus deporá o incensário. A grande cerimónia das bodas chegará então ao seu termo. As palavras finais de Deus permanecerão para sempre. «Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.» Apocalipse 22:11.

A verdade para esta hora

A Semana de Oração da juventude está perante nós. Nunca houve maior necessidade de nos voltarmos para o Senhor Jesus Cristo de todo o nosso coração e alma, procurando durante esta semana que sejamos de facto revestidos com o próprio carácter de Cristo. É tempo de nos arrependermos. É tempo de nos convertermos. As palavras de Pedro retinem com urgência: «Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor.» Actos 3:19.

Quão solene é esta hora! «Cada caso fora decidido para vida ou para morte. Enquanto Jesus estivera ministrando no santuário, o juízo estivera em andamento, pelos justos mortos e a seguir pelos justos vivos. Cristo recebera Seu Reino, tendo feito expiação pelo seu povo, e apagado os seus pecados. Os súbditos do Reino estavam completos. As bodas do Cordeiro estavam consumadas. E o Reino e a grandeza sob todo o Céu foram dados a Jesus e aos herdeiros da salvação, e Jesus de-

Cristo virá nos nossos dias

por Elman J. Folkenberg

Poucas experiências há mais aterradoras do que nos encontrarmos de um momento para o outro no meio de um destrutivo terremoto. Como estudantes das profecias, esperamos condições internacionais instáveis, mas quando a própria terra, debaixo dos nossos pés, começa a tremer, então temos motivo para ficarmos alarmados.

O dia primeiro de Setembro de 1923 amaneceu encantador para a cidade de Tóquio, mas a sua beleza iria durar pouco tempo. Repentinamente, e sem qualquer aviso prévio, Tóquio foi despedaçada por um dos terremotos mais destruidores da história. Em várias cidades do mundo, as agulhas dos sismógrafos ziguezaguearam enérgicamente, assinalando meio minuto de violenta desordem sob a grande cidade japonesa. Depois do primeiro impacto, que durou apenas terríveis segundos, calculava-se o número de mortos em 143.000, e 54 por cento da cidade em ruínas. Depois a situação tornou-se ainda mais horrorosa, quando o fogo juntou as suas forças ao terremoto, e 400.000 casas foram queimadas, na já devastada cidade.

Mas o acontecimento de Tóquio, em 1923, foi apenas uma entre a sempre crescente lista de calamidades desde as planícies da Índia até às geladas estepes do Alaska. Estremecimentos destrutivos têm originado vagas impetuosas que galgam milhares de quilómetros, arrastando aldeias inteiras para o mar. Qual é o significado de todas estas calamidades?

Predizendo certos sinais que deveriam revelar a proximidade da sua vinda a esta terra, Jesus declarou: «E haverá... terremotos, em vários lugares.» S. Mateus 24:7. Compreendemos agora por que os sismólogos (cientistas

que estudam os tremores de terra) nos dizem que durante o século dezanove se registou maior número de terremotos do que em qualquer outro período da história deste mundo. Jovens, a terra tremente debaixo dos nossos pés declara que a Vinda de Jesus está perto!

Alguém poderá perguntar: «O terremoto de Tóquio foi o pior da história?» Para responder a esta pergunta, penetremos na história e veremos o que ali está escrito acerca da velha cidade de Lisboa, capital de Portugal. No seu livro «O Terremoto de Lisboa», o senhor Thomas Kendrick, director do Museu Britânico, descreve não só a vasta destruição do terremoto de Lisboa, mas também o quase universal despertamento para um exame de consciência e até mesmo uma controvérsia, que continuou a perturbar a mente dos homens por décadas a seguir ao terrível desastre. De facto, tão grande foi o desastre e tão profundo o choque para o pertinente mundo civilizado, que alguns historiadores foram levados a comparar a terremoto de Lisboa com a queda de Roma no século quinto da era cristã.

O Terremoto de Lisboa

Nove e trinta da manhã, do dia primeiro de Novembro de 1755, na cidade de Lisboa, em Portugal, no dia de Todos os Santos. Dentro de dez terríveis minutos e três colossais abalos sísmicos, as ondas de propagação alastraram-se por uma área de mais de seis milhões de quilómetros quadrados. A terra tremeu desde a Groenlândia até às ilhas do Índico, desde a Noruega até à África Central. Só os livros do Céu poderão revelar o número de mortos desse dia. Só em Marrocos, uma cidade de oito a dez mil habitantes desapareceu totalmente em poucos segundos. Tendo o seu epicentro em Lisboa, num dos chamados dias santos, quando as inúmeras igrejas estavam repletas de adoradores, poucos escaparam à ruína geral. Vastas multidões, delirantes pelo horror, vagueavam pelas cambaleantes ruas, gritando «Misericórdia», com o significado de que «isto é o fim do mundo».

Milhares de pessoas procuravam segurança junto ao novo cais do porto de Lisboa. Num convulsivo choque, a terra afundou-se afogando milhares nas turbulentas águas. Tão violento foi o terremoto que gerou enormes vagas sísmicas, percorrendo cerca de 6.000 quilómetros até à Martinica em dez horas, causando estragos enormes. O número exacto de mortes e o montante da destruição causados por este terremoto, possivelmente nunca será conhecido. Mas, na realidade, fez tremer mais do que o

veria reinar como Rei dos reis e Senhor dos senhores.» — *Testemunhos Selectos*, Vol. II pág. 226.

A verdade para esta hora. Que solene pensamento! Verdade para nós e para os outros. Voltemo-nos para Deus como nunca dantes. Assistamos a cada reunião desta Semana. Pleiteemos com Deus para que possamos adquirir eficiência espiritual. Que cada jovem dentro da igreja entregue de novo o seu coração a Deus e sinta como nunca dantes a sua responsabilidade para com um mundo em perigo. Enchamos a igreja com os nossos amigos, vizinhos, entes queridos, e com aqueles que se desviaram. Que Deus nos ajude a fazer desta a maior semana de evangelização na história do Movimento Adventista!

«Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há-de vir.» Mateus 25:13.

mundo. O terremoto de Lisboa marcou o fim da era do optimismo. Despertou tanto os infiéis como os religiosos. A seguir ao terremoto, o famoso descrente Voltaire escreveu um poema admitindo existência dum poder maligno fora deste mundo. Mais longe ainda, o terremoto de Lisboa levantou uma controvérsia internacional entre a ciência, a filosofia e a religião. Metade do mundo foi atingido pelo terremoto; mas todo o mundo tentou explicá-lo. Por toda a parte perguntavam: «Porque castigou Deus os pecados de todos os tempos num só dia?» No seu poema sobre o terremoto de Lisboa, John Biddolf, de Londres, escreveu:

Quem, com olhos curiosos, poderá examinar este mundo,
E não contemplar o seu cambaleante definhamento?
Que nestes últimos dias tais sinais devam aparecer,
Prelúdios e prólogos à destruição final.

Isto traz-nos ao ponto do nosso assunto em que vemos a predição de um terremoto, ainda no futuro, um acontecimento de tal magnitude, que todos os terremotos anteriores poderão ser comparados ao sussurro das folhas da primavera. Melhor ainda, ao pensarmos na aproximação deste terremoto mundial, não precisamos de ficar com medo, mas pelo contrário desenvolvermos uma maior confiança no grande amor de Deus, que O levou a revelar-nos com precisão e clareza, os acontecimentos que conduzem ao apogeu da história deste mundo. A profecia Bíblica associa o maior terremoto deste terra, com acontecimentos gloriosos durante a volta literal de Jesus a este mundo. Não é a promessa da Sua Volta, o tema maravilhoso da sinfonia histórica, desde o Éden até agora? Não tem o fiel povo de Deus esperado com ansiedade a prometida volta d'Aquele que havia de destruir o poder do mal? Da masmorra, do escúleo do cadafalso, mártires santos almejavam o regresso de Jesus. Antes de ser queimado, o reformador Ridley gritou: «Sem dúvida, o mundo está a chegar ao fim». John Knox da Escócia exclamou: «Sabemos que Ele virá, e sem demora».

Es que Vem com as Nuvens

Detenhamo-nos aqui, e levantemos o sagra-do telescópio profético, e olhemos directamente para o futuro, num quadro tão vasto e tão glorioso, que não poderá ser descrito por palavras humanas. Deixai divagar a vossa imaginação. Deixai que os olhos da vossa mente visualizem esta cena: «E quando o Filho do homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos com Ele, então se assentará no trono de Sua glória». S. Mateus 25:31.

Tendes vós a ideia do que seja a vivacidade da glória de Deus? Ele foi o criador do sol, e certamente a Sua glória eclipsará o sol. No seu livro «The Stars Are Yours» (As estrelas são vossas), James Pickering diz-nos que a luz que recebemos do sol é igual a 600.000 luas cheias,

e que cada 53 centímetros quadrados da superfície do sol produz 8.200 cavalos de energia. O sol é no entanto uma pequenina fonte de luz e energia comparado com outras estrelas. Imaginai, então, a volta de Cristo à terra na Sua flamejante glória ofuscando um milhão de sóis, acompanhado de uma inumerável hoste angélica em toda a sua radiante glória. Não admira pois que o apóstolo, ao contemplar em visão esta indescritível glória, exclamasse: «Eis que vem com as nuvens; e todo o olho O verá». Apoc. 1:7.

A chegada especial daquele vasto e glorioso séquito apresentará um espectáculo de tal grandeza e magnitude que jamais olhos mortais, a não ser nas visões de Deus, contemplaram alguma coisa remotamente semelhante a esta. Em solene silêncio, o povo de Deus contempla a indescritível cena gloriosa. «Jesus, na nuvem, avança como poderoso vencedor. Agora, não como «Homem de dores», para sorver o amargo cálice da ignomínia e miséria, vem Ele vitorioso no céu e na terra para julgar os mortos. ...E «seguiram-n'O os exércitos no céu». Com antifonas de melodia celestial, os santos anjos, vasta e inumerável multidão, acompanham-n'O no Seu avanço. O firmamento parece repleto de formas radiantes — milhares de milhares, milhões de milhões. Nenhuma pena humana pode descrever esta cena, mente alguma mortal é apta para conceber o seu esplendor... Aproximando-se ainda mais a nuvem viva, todos os olhos contemplam o Príncipe da vida. Nenhuma coroa de espinhos agora desfigura a sagrada cabeça, mas um diadema de glória repousa sobre a santa fronte. O semblante divino irradia o fulgor deslumbrante do sol meridiano. ...Ilumina-se a face dos justos, e a alegria enche todos os corações. E os anjos entoam uma melodia mais elevada, e de novo cantam ao aproximar-se ainda mais da terra». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 471.

A própria terra tremerá ante a Sua presença, e com tal violência, que rapidamente dará lugar ao maior terremoto da história deste miserável planeta, amaldiçoado pelo pecado. Escutai as palavras do apóstolo João: «E o Céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares.» Apoc. 6:14.

O Terremoto Final

Quando um terremoto repentinamente destrói determinadas áreas deste mundo, como por exemplo o Alasca ou o Chile, todo o mundo civilizado treme. Mas, queridos jovens, quando finalmente Deus se levantar para sacudir a terra por ocasião da volta de Jesus, terá lugar um terremoto de tal magnitude que todas as montanhas da terra e todas as ilhas do mar serão removidas dos seus lugares. Será um terremoto «como nunca tinha havido, desde que há homens sobre a terra; tal foi este tão grande terremoto.» (Apoc. 16:18) A terra inteira se levanta, dilatando-se como as ondas do mar. A sua superfície está a quebrar-se. O seu próprio fundamento parece ceder. Cadeias de

montanhas estão a sossobrar. Desaparecem ilhas habitadas. ...As mais orgulhosas cidades da terra são derribadas. Os sumptuosos palácios em que os grandes homens do mundo dissiparam as suas riquezas com a glorificação própria, desmoronam-se diante dos seus olhos.» — O Conflito dos Séculos pág. 468.

Mas no meio das convulsões finais desta terra permanecem grupos de fiéis seguidores de Deus. No meio da apostasia religiosa universal, eles amaram mais a verdade do que as riquezas, ou a fama, ou até mesmo a própria vida. Para eles, o terremoto final da terra é apenas o prelúdio do livramento eterno desta terra de miséria e do poder infernal do pecado.

«O seu rosto, pouco antes tão pálido, anicioso e descomposto, resplandece agora de admiração, fé e amor. A sua voz ergue-se em cântico triunfal: 'Deus é o nosso refúgio, socorro bem presente na angustia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ain-

da que os montes se transportem para o meio dos mares. Ainda que ao águas fujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza'. *Ibid.*, págs. 469-70.

Por inspiração somos informados que tudo aquilo que poderá ser abalado, será abalado. Mas haverá uma coisa que permanecerá firme, queridos jovens, e isso será um carácter santo, semelhante a Cristo. O céu permitiu que os dias da vossa vida chegassem até este momento para que usásseis estas preciosas horas do tempo da provação no desenvolvimento de fortes traços de um carácter cristão. Chamamos a isto construir sobre a rocha uma estrutura que não será abalada. Que cada um de nós diga, cada dia «Senhor, diariamente desejo fazer o bem. Desejo pedir-Te a força. Quero entregar a minha vida ao Teu cuidado e direcção para que eu possa estar pronto para o glorioso clímax da história, a segunda vinda de Jesus, o meu Salvador».

SEGUNDA-FEIRA

O Maior Milagre em 1965

por Bruce Johnston

Todos os sistemas estavam em «marcha» quando a contagem do Saturno I chegou ao momento da largada. Com um rugido de fender a terra, 750 toneladas de impulso arremesaram uma massa gigantesca de metal e maravilhas electrónicas para o espaço. Este foguetão de 19 toneladas levava uma carga de dez mil quilos. É nesta espécie de veículo que os cientistas desta era espacial estão planeando enviar astronautas à Lua. Jamais na história espacial havia sido posto em órbita um objecto tão pesado e tão grande. Foi um milagre do génio humano.

O livro de Apocalipse vividamente apresenta um incrível quadro espacial que faz do Saturno I, um brinquedo de criança. Em Apocalipse 14:1 são vistos 144.000 que quebraram as barreiras do tempo e do espaço; foram transportados da terra ao céu apenas em sete dias. (*Early Writings*, pág. 16.) O que é mais incrível ainda é que estes são apenas os primeiros frutos — um grupo seleccionado representando o melhor da colheita deste mundo, apresentada a Deus como exemplo para o universo do poder do Criador na formação do carácter humano. Mais ainda, haverá «uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos e línguas» (Apocalipse 7:9), que estavam perante o trono de Deus. Não admira que o céu se retire «como um livro que se enrola» (Apocalipse 6:14) por ocasião da segunda vinda de Jesus, pois Deus vai tirar os remidos deste mundo através e acima das barreiras do som, calor e irradiações. O Deus do universo físico quebrará as barreiras, a fim de levar o Seu povo para o

lar. Em vista disto, não será tempo de tirarmos os nossos olhos do minúsculo poder do homem, e darmos atenção à onnipotência de Deus?

Não é nosso propósito pormos Deus em competição com o homem numa corrida espacial, dando a Deus uma pequena margem dianteira na lacuna dos projecteis. Não é tão incrível que um grande número de pessoas seja transportado a grandes distâncias no universo. É assás de admitir que o homem tenha a possibilidade de tal realizar. Já outrora, quando o homem procurava chegar aos céus, o próprio Deus ficou pesaroso com os seus desvairados esforços. Isto deu-se imediatamente após o dilúvio; o meio de exploração espacial — a Torre de Babel. Era tosca, na verdade, mas era o começo, e Deus viu onde isso podia chegar. Deus disse: «Isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos. (Ver Genesis 11:6, 7).

Não, não é incrível visualizar o homem transportando grande número de pessoas através do espaço. Se lhe fossem dados autorização e tempo, o homem certamente o poderia fazer. O incrível acerca do grande grupo apresentado em Apocalipse 14, não é o facto de terem quebrado as barreiras do espaço e do tempo, mas terem desenvolvido extraordinários caracteres. Tornaram-se tão semelhantes ao Pai, que Ele escreveu o Seu nome nas suas testas (Apocalipse 14:1). Pelo poder de Cristo atingiram tal desenvolvimento de carácter que, se postos lado a lado, seria difícil distingui-los, pois eles reflectem perfeitamente o Seu

carácter. «E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus». Apocalipse 14:5. A razão? «Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai». Apocalipse 14:4.

Pode ser feito

A nossa admiração aumenta ao vermos o passado da sua experiência. No princípio, Satanás apresentou uma acusação terrível perante Deus. Satanás mantinha que a norma do Céu era demasiado elevada. Especialmente, argumentava ele, era impossível ao homem guardar a lei. Deus esperava demais. Não se poderia esperar que o homem fizesse o bem. Depois Adão e Eva pecaram. Podemos nós imaginar Satanás com um sorriso cínico apontando para a exibição A? «Não Te disse eu?» parece ouvirmos ele dizer com regozijo do mal acontecido. Deve ter parecido a muitos no universo, que Satanás teria certa razão; até mesmo o homem, em ambiente perfeito, não foi capaz de fazer o bem. Não devia, pois, ser possível guardar perfeitamente a lei.

Jesus, pela Sua vida e morte, demonstrou que era possível ao homem, unido a Deus, viver uma vida perfeita. Contudo era necessário que Deus demonstrasse ao universo que esta união podia ser tão completa que o pecador podia mediante completa entrega a Deus, chegar na realidade ao ponto de não pecar, fossem quais fossem as provocações.

Assim, nos últimos tempos, durante a mais violenta crise que o homem jamais foi chamado a suportar, quando todo o mundo se arremessar contra o povo de Deus, quando todo o suporte terreno for cortado, quando Satanás, vangloriando-se, disser ser impossível e — mais significante ainda — quando não houver intercessor no céu para os perdoar no caso de caírem, um grande número atravessará este tempo de angústia, sem pecado.

Satanás disse: «Não pode ser feito.» O exemplo dos 144.000 demonstra que as suas palavras são fundadas na mentira. Perante o atento universo o carácter de Deus é reivindicado, o Seu nome justificado — pelos que na hora da maior crise permaneceram fiéis e obedientes. Pessoas que uma vez haviam caído e pecado, foram transformadas pela graça de Jesus e venceram pelo sangue do Cordeiro. São os primeiros a admitir que tal não conseguiram por si sós. Escutai a sua canção. «Grandes e maravilhosas são as Tuas obras Senhor Deus Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos. Quem Te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o Teu nome? Porque só Tu és Santo». Apoc. 15:3, 4.

Foi necessário um milagre

Este é um milagre ainda maior do que lançar um veículo espacial, por maior que seja, em órbita no universo. É o milagre do novo nascimento e nova vida em Jesus Cristo. Não há milagre maior.

Não é coisa pequena Deus criar um mundo e tudo o que nele há. «Porque falou, e tudo se fêz; mandou, e logo tudo apareceu». Salmo 33:9. No sexto dia da criação, Cristo tomou a matéria que havia criado e nela formou o homem. «E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.» Genesis 2:7. Foi necessário um milagre para fazer tal.

Mas para recrear o homem é necessário um milagre ainda maior. Quando Jesus tomou a pecadora natureza humana, e a remiu, custou-Lhe a vida. Quando criou o homem, Ele descançou com alegria; quando o remiu, descançou na morte. Custou um alto preço a Deus para remir o homem! Toda a Bíblia põe em relêvo «o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo». Não admira os anjos cantarem: «Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, sabedoria, e força, e honra, e glória, e acções de graças». Apocalipse 5:12.

Um dia todas as criaturas no universo unirão-se ao coro angelico e farão fremir as cortes celestes com louvores a Deus e a Cristo. «E ouvi a toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas acções de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre». Apocalipse 5:13.

O homem colocar um satélite em órbita é uma paupérrima demonstração em face do poder necessário para salvar o homem perdido. Como é possível, por exemplo, medir o poder da graça necessária para transformar Harry Orchard? Um endurecido criminoso, com mais de vinte «moscas»* na espingarda, cujo coração era tão duro que estava pronto a recorrer a qualquer estratégia, ainda o mais diabólico, conquanto ele destruísse aqueles que havia sido contratado para matar.

Na cela da sua prisão, depois de ter colocado a bomba que aniquilou o antigo governador do estado de Idaho, Harry Orchard enfrentou um poder que ele nunca antes havia conhecido. Jesus disse. «E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim». S. João 12:32.

Na Bíblia e no livro «Degraus da Vida Cristã», de Ellen G. White, ele encontrou o Salvador face a face. No nome d'Aquele cujo nome ele mal tinha ouvido, a não ser nas suas imprecções de mais de vinte anos, ele ajoelhou e confessou os seus pecados a Deus. Naquele momento Deus deu a Harry Orchard um coração novo. O criminoso de coração empedernido tornou-se o santo com um coração terno, na penitenciaría, onde passou os últimos quarenta anos da sua vida, reflectindo, em toda a glória, o carácter de Cristo.

Ou tomai por exemplo Carlos e Helena. Podereis avaliar o impulso que foi preciso para mudar a direcção das suas vidas de pecado

* Entalhe praticado por certos assassinos, nas coronhas de suas espingardas, assinalando o número de mortes feitos pelos mesmos.

e futilidade para serviço de Deus? Carlos era um alcoólico, um verdadeiro problema. Mentia, blasfemava, enganava, e tornava a vida miserável para os seus filhos. Helena, embora não tão abertamente pecadora, fez Deus esperar trinta anos até ouvir a sua voz em oração.

A sua vida estava gelada e sem significado, o casamento estava a desmoronar-se, quando procuraram um ministro Adventista do Sétimo Dia, numa última e desesperada tentativa para salvar o seu lar. Ao apresentar-lhes o amor e a graça de Jesus, os seus corações fundiram-se. Reconheceram a necessidade; e agora viram que Cristo era a resposta. Eles, igualmente, aos pés da cruz, encontraram perdão e purificação. Corações que outrora amaram os prazeres do pecado, não mais se sentiram prisioneiros por tais atrações. Cigarros, cerveja, cinema, coisas que eles noutros tempos apreciavam bastante, agora rejeitaram terminantemente, compreendendo quão falsos amigos eles haviam tido. Chegaram ao ponto de odiar aquilo que outrora amavam. Agora estavam livres daquilo que outrora os escravizava.

«Se pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres». S. João 8:36. O lar de Carlos e de Helena tornou-se feliz, um lar onde Cristo era honrado. Fervorosamente trabalharam para partilhar com outros a alegria que encontraram em Cristo. Não por um sentimento de dever, ou desejo de mérito, mas de corações agradecidos e transbordantes de gratidão, serviram Aquele cujo amor e poder havia feito tanto por eles.

O afável convite

Que significado tem isto para ti, jovem? Jesus disse: «Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus». S. João 3:3. Há um hino que diz: «Não é segredo aquilo que Deus faz. Aquilo que Ele tem feito por outros, pode fazer por ti».

Talvez não tenhais ido tão longe como qualquer dos casos mencionados. No entanto, «todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus». (Romanos 3:23). Até que os pecados sejam confessados e lavados no sangue de Jesus, todos permanecem culpados da morte de Jesus, e condenados à morte.

O convite de graça vem da parte do nosso maravilhoso Salvador: «Vinde então, e argui-me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã». Isaías 1:18. «Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça». I S. João 1:9. Só assim se poderá operar a grande mudança, e ter lugar o novo nascimento, que nos traz da estrada da morte, e nos encaminha para o céu, e eventualmente romperemos as barreiras do tempo e do espaço, para estarmos com Jesus no mar de vidro, onde teremos a oportunidade de Lhe dizer pessoalmente: Obrigado, Senhor, pela Salvação».

Ponde isto à prova, jovens. Vereis que Deus está pronto para operar outro grande milagre — em vós.

TERÇA-FEIRA

PERIGO

por George Vandeman

Um homem caminha de volta para sua casa, com o jornal debaixo do braço. Inesperadamente vê chamas. A casa de um vizinho está a arder. Pára para ver, enquanto uma vasta multidão de curiosos se reúne.

A propriedade está em perigo. Crianças lá dentro são prisioneiras das chamas. A consciência fala.

Mas o mesmo diz: «Para que vou sujar as mãos? Estou bem vestido. A minha roupa está seca.» Fica no mesmo lugar; continua a observar o espectáculo. Meia hora mais tarde, já no seu lar e absorvido pelas notícias, levanta os olhos do jornal para dizer à esposa acerca do espectacular incêndio que viu ao dobrar a esquina no seu caminho para casa.

Tem o seu galardão. Está limpo, confortável e seco. Mas o seu conforto já o condenou, e a sua felicidade o reprovou.

Alguém dirá que isso nunca poderia acontecer. Tal pensamento faz-nos estremecer?

Fico na dúvida!

Aconteceu num dos bons bairros da cida-

de de Nova York — não nos bairros da lata. Envolveu pessoas decentes, cultas, da mesma casta das que costumam cantar nos domingos de manhã em muitas Igrejas.

Uma esbelta jovem, decente, de vinte e oito anos, ao dirigir-se para sua casa foi apunhalada repetidas vezes por um assaltante desconhecido que a seguia. Seguiu-se o assassinato que levou meia hora.

Esta jovem encontrava-se sob a sombra do edifício onde ela morava. Janelas abriram-se ao longo da rua. Pescoços esticaram-se para melhor poder ver. Mas ninguém veio em seu socorro. Somente uma pessoa se deu ao trabalho de chamar a polícia. E mesmo isso só depois de o criminoso ter fugido. Confortavelmente instalados nas suas janelas, como que a observar uma fita de cinema, e depois foram dormir.

Trinta e oito pessoas espontaneamente confessaram ter visto o drama — e só Deus sabe quantas mais. Ao falarem acerca do acontecimento, mais tarde ao ser interrogadas,

explicaram que não queriam ser chamadas ao tribunal, não se queriam expor ao perigo de se verem envolvidas. A palavra que corria como estribilho era *envolvido*.

Aquelas pessoas continuavam confortáveis. Mas o seu conforto ainda os está condenando. É para elas difícil viver com a memória do pesadelo que observaram das suas janelas, sem nada fazerem para remediar a situação.

Um dos repórteres disse: «Samaritanos são escassos nestes dias!» Depois vinha a perturbadora pergunta: «Que teríeis vós feito?»

Como podemos explicar esta endurecida cobardia, esta imunidade para o repto, tão característica da nossa geração? Como podemos nós defender esta grotesca paralisia de consciência que está invadindo a humanidade?

Homens e mulheres, velhos e novos, dizem: «Não me incomodem. Tenho direito a viver como quero dentro da minha casa, como me convém. Não me perturbem».

Poderá esta ser a mesma razão pela qual muitos jovens estão hesitantes na sua entrega a Cristo! Não se querem ver envolvidos. Parece encontrarem perigo em seguir a Jesus. E dizem: «Para que segui-l'O? Para que envolver-me em tais coisas? Para que comprometer-me?»

Medo de ser envolvido? Medo do perigo!

Mas há um terrível perigo no compromisso cristão. A tal não podemos fugir. Disse Jesus: «Quem não toma a sua cruz, e não segue após Mim, não é digno de Mim. Quem achar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de Mim, achá-la-á». S. Mateus 10:38, 39.

O homem que dobra os seus joelhos toma um risco. Pois o que ora sinceramente está convidando uma invasão divina à sua alma. Está tomando parte no encontro com o Criador, encontro esse que irá mudar o curso da sua vida futura. Nunca mais será a mesma pessoa.

Poderá, à primeira vista, parecer simples a oração: «Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito recto.» Mas no caso da pessoa não querer ser purificada? Se ela não quiser deixar o seu ódio e o seu orgulho?

Por vezes há também risco em ler um livro. Na verdade há livros que se podem ler, sem qualquer agitação, tumulto, ou formação de ondas. Mas o mesmo não acontece com a Bíblia. Não podemos ir muito longe na leitura da Bíblia sem encontrarmos um apelo para tomarmos um compromisso. Não podemos ir muito longe sem encontrarmos reivindicações que não podemos ignorar.

Esta é a razão por que alguns lêem avidamente, bebendo das suas verdades refrescantes. Depois põem-nas de parte. O motivo para tal, é porque sabem que se lessem uma só página, mais, as suas vidas seriam mudadas.

E, na realidade, não têm a certeza se querem tal mudança!

Há um certo risco ao pesquisarmos a verdade.

Neste mesmo momento há milhares de olhos fixados ansiosamente no céu, pedindo a Deus que os conduza à verdade.

E tais orações serão atendidas. Deus assim

o prometeu. Ele diz: «E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará». S. João 8:32.

Mas, então, se não quereis ser livres? Se não quereis libertar-vos do hábito que vos prende? Se não quereis a liberdade — já?

Sim, a verdade tem preço! De um momento para o outro descobris que o preço é elevado.

Um pastor-evangelista acabara de apresentar a verdade ao auditório daquela noite. Enquanto se cantava o último hino, saiu pela porta lateral, a fim de poder cumprimentar o povo à saída da Igreja.

Com a pressa, quase esbarrou num homem que, pensativo, se ocultava na sombra. Estava só, e indubitavelmente em dificuldade. O pastor colocou-lhe a mão no ombro, pensando em que o podia ajudar; o homem voltou-se devagar e, olhando com ansiedade para a face do pastor, disse: «Toda a minha vida tenho orado pela verdade. Mas nunca pensei em perguntar a Deus o custo da mesma!»

A palavra mais temida do vocabulário cristão é a palavra *entrega*. Como escrevemos nós esta palavra? A maior parte das pessoas que eu conheço escrevem-na com as seguintes letras: r-i-s-c-o.

Tememo-la porque não sabemos o seu verdadeiro significado. Tememo-la porque não queremos entregar o control das nossas próprias vidas. Tememo-la porque Deus pode pedir-nos que abandonemos qualquer coisa que nós não gostaríamos de deixar.

Há alguns anos atrás, na velha Jerusalém, estive no local onde se diz que Abraão e Isaque aprenderam o significado da palavra «entrega».

Todos nos lembramos desta história. A vida corria bem a Abraão. Finalmente, havia recebido de Deus o filho prometido e este encontrava-se em plena adolescência.

Inesperadamente vem aquele estranho mas inequívoco pedido de Deus. Abraão devia ir sacrificar a uma montanha distante. E o sacrifício devia ser o seu filho!

Se pudessemos imaginai este quadro. Abraão estava acabrunhado e confundido. Mas não perde tempo. Com Isaque a seu lado, cedo de manhã, dão início à viagem. Tudo tinha sido preparado. Levavam a lenha e o fogo.

Em silêncio, caminham juntos. Como poderia ele revelar tal notícia a seu filho? Como iria ele responder àquela tão certa pergunta?

Finalmente chegam ao cume. Isaque quebra o silêncio. «Meu pai», disse ele, «eis aqui o fogo e a lenha; mas onde está o cordeiro para a oferta?»

Que pergunta! Podemos nós imaginar aquele ancião a dizer ao filho que ele tanto amava: «Tu és o cordeiro»!

Pensai também na fé do jovem Isaque! Mui fácil teria sido para ele, na força da juventude, vencer o desalentado ancião, e fugir. Mas não. Ele está pronto a tomar o seu lugar, neste acto de entrega, juntamente com seu pai.

Finalmente, o cutelo é levantado. O momento chegou. Se nós estivéssemos observando da mata próxima, possivelmente teríamos dito:

«Cuidado, Abraão! Não estais vós correndo um grande risco? Lembrai-vos de que Isaque é o filho da promessa, que vos foi dado por milagre. Não vos parece que estais levando a vossa religião demasiado a sério?»

Nós teríamos chamado a isto *risco*. Deus chamou-lhe *fé*.

Conhecemos o resto. O cutelo foi levantado, mas um anjo susteve-lhe a mão. Abraão disse que Deus proferia a vítima. E na realidade assim foi. Um carneiro «travado pelas pontas num mato», foi oferecido no lugar do seu filho.

Dizemos: Que risco ele tomou! Mas tomou ele o risco?

Na realidade, há risco na entrega. É isto que nos mete medo. É isto que nos detém. É isto que nos impede de tomarmos um compromisso.

Dize-me, amigo. Concordamos que o risco da entrega é o problema. Obviamente este é o entrave. Mas se eu te puder provar, embora pareça estar em contradição com o que acabo de dizer, *se eu te puder provar que não há risco nenhum na entrega, que o risco é apenas aparente; então estarias disposto a seguir ao Senhor, sem demora?*

Abraão decidiu entregar a sua vida completamente a Deus. Não foi um jogo. Não estava arriscando qualquer coisa. Apenas confiando no Deus que ele havia aprendido a conhecer. Estava convencido que o mesmo Deus que tinha podido dar-lhe Isaque, por meio de um milagre, teria também poder para o ressuscitar dos mortos, se necessário fosse.

Isaque partilhava desta fé. E nela ele estava em perfeita segurança. Estava mais seguro no altar do sacrifício do que nos palácios do pecado. De facto, o momento de maior segurança na vida de Isaque, foi quando ele depositou a sua vida nas mãos de um Deus amoroso. Abraão e Isaque nada arriscaram, mas pelo contrário ganharam uma compreensão inestimável do plano da Salvação.

Não há risco na entrega. Deus não tem uma grande lista de calamidades e requisitos, para despejar em cima de nós, no momento em que nos rendemos a Ele. Não há risco na entrega — a não ser quando a entrega seja parcial. Uma entrega circunspecta, fraca e flexível traz sempre problemas.

Pedro fê-la parcialmente. Ele desejava muito andar sobre a água. E Jesus disse-lhe: «Vem».

Qualquer pessoa sabe que não se pode andar na água. O homem é incapaz de resistir ao turbilhão das águas.

Mas vejamos o que aconteceu. Pedro ouviu aquela palavra: «Vem». Saindo do barco, toca ao de leve na água. Cuidadosamente dá os primeiros passos. Entusiasmo misturado com orgulho começa a dominá-lo. Ele — Simão Pedro — a andar sobre as águas! Não estão os seus companheiros a vê-lo? Que está Tomé pensando?

Por um momento desvia os olhos de Jesus para olhar para trás. Por um momento ele toma o controlo de sua vida, e sai das mãos de Jesus. Começa então a afundar-se. Agora,

humildemente, com o orgulho totalmente encharcado, ele clama: «Senhor, salva-me!» Os seus companheiros não o podem ajudar. Ele não se pode salvar a si mesmo. Só em Jesus há esperança.

Gosto destas palavras que saíram de pena inspirada. Escutem! «É seguro abandonar todo o suporte humano, e apegar-nos à mão d'Aquele que levantou e salvou o naufragado discípulo no mar tempestuoso». — *Testemunhos*, vol. 4, pág. 558.

Seguro abandonar todo o suporte humano!

Como vêem, é absolutamente seguro. Entrega não é autorizar Deus a lançar uma lista longa de calamidades sobre a nossa vida. Entrega é apenas saber que Deus nos ama, e portar-nos de harmonia com esta verdade. Não pode ser mais simples.

Alguém poderá dizer: «Eu quero entregar-me, mas não sei como».

Dizeis ainda. «Não posso controlar os meus pensamentos. Não posso controlar os meus sentimentos. Não posso controlar as minhas afeições. As minhas promessas e as minhas resoluções são como cordas de areia». Que fazer?

Já alguma vez passou pela vossa mente que a *decisão é a entrega*? Deus não pode operar com os vossos sentimentos ou as vossas emoções. O que Ele quer é a decisão. Ele quer a escolha. Ele quer a vontade. Ele quer o vosso ser todo. E o querer está em vós.

Lembraí estas palavras: O querer está em vós.

Encontramo-nos num labirinto de contradição emocional. Um desejo puxa pela nossa mente. Um gosto clama pela nossa atenção. Um prazer levanta a cabeça. Um temor nos atormenta. Um sentimento nos humilha.

Mas o querer está em vós. Deus não opera com os vossos sentimentos ou temores... Não vos julga pelos vossos desejos, ou pela vossa decisão. A decisão é vossa.

Ilustrando: Tenho ajoelhado ao lado de homens exalando vapores de tabaco. E tenho visto Deus instantaneamente tirar-lhes o desejo do tabaco. Dou graças a Deus por tais milagres.

Mas também tenho visto outros homens que nunca perderam o desejo pela vida fora. Lembro-me de um presidente de conferência com abundância de cabelo branco, a imagem da bondade. Durante 50 anos tinha vivido uma vida cristã, e as suas orações haviam sido respeitadas por uma grande multidão. Mas uma vez ele segredou-me ao ouvido: «Cada vez que cheiro cerveja, a minha boca fica em água».

Pensai nisto! Cinquenta anos. O desejo subsistiu. Mas ele nunca cedeu. Podemos dizer, graças a Deus por esta espécie de vitória!

Que está escrito no registo do céu? O desejo — ou a vitória? O desejo — ou a decisão? Sabeis a resposta. O desejo não sois vós. O querer está em vós.

Necessitamos compreender a verdadeira força da vontade. É verdade que somos fracos em poder moral. Não podemos mudar os nos-

sos corações. Não podemos expulsar os demónios que se apoderam da nossa mente.

Mas quando decidimos, quando suplicamos pelo poder que está fora e acima de nós, os poderes da alma, impregnados da energia divina, obedecerão os ditames da vossa vontade. Neste sentido — ao pedirdes e receberdes o poder divino — a expulsão do pecado pode ser o acto da própria alma. Redendo a vontade a Deus, aliamo-nos com o poder do seu trono.

Tal não envolve risco.

Foi Deus que tomou o risco, ao criar o homem com livre arbítrio.

De novo o tomou no Calvário. Com toda a reverência o digo. Jesus tomou um terrível risco ao consentir ser pregado na cruz. Ele não podia ver para além das portas da morte. O sentimento da separação do seu pai, o sentimento de desaprovação do Pai em relação ao pecado, foi tão profundo, que Ele temeu ser de consequências eternas. Tal foi o risco que Ele tomou.

Dizeis que há perigo em O seguir? Tememos o custo? Tememos a solidão? Tememos a invasão divina de alma? Tememos o desprendimento e o isolamento que pode acarretar?

Mas esperai, amigos. Foi Ele que tomou o risco. Foi Ele que foi pendurado da cruz quando vozes escarnecedoras gritavam: «Desce!» É possível que qualquer coisa tenha ecoado dentro d'Ele: «Sim, desce! Para quê arriscar tanto? Para que expor a vida, havendo a possibilidade de perderes a eternidade?»

Mas não. Ele tomou o risco!

Agora, queridos amigos, falámos com o coração nas mãos. É este risco que se tem atravessado no vosso caminho? Contudo temos chegado à conclusão de que tal é apenas aparente. Não é real. Temos sido desviados, arredados para outro caminho, enganados, por uma ilusão de perigo, intimidados pela simples aparência. Finalmente pergunto: Que vos impede?

QUARTA-FEIRA

O sinal de Deus

por W. A. Fagal

Cada domingo à tarde numa certa cidade da Austrália, um numeroso grupo de jovens reunia-se no salão da Associação Cristã da Mocidade para assistir ao programa de televisão da «Fé para hoje». O seu interesse evidente no que vêem e ouvem causou tal preocupação a um dos sinceros oficiais da organização que o levou a escrever-me acerca disso uma carta cortês e reticente.

Não é que ele tenha objecções contra o programa, mas sente-se preocupado por ser apresentado pelos Adventistas do Sétimo Dia.

Junto com a sua carta vinha um pequeno folheto de capa vermelha que se propunha dizer o que está errado na doutrina adventista. O autor da carta pediu para lhe apresentar a minha reacção. Os argumentos do folheto, como geralmente sucede, eram dirigidos em primeiro lugar contra a observância adventista do Sábado bíblico. O autor resumia os seus argumentos no que ele pretendia que fosse uma acusação breve mas pungente — «os Adventistas do Sétimo Dia são legalistas».

Assinalar os observadores do Sábado como legalistas e usar o termo como se ele fosse incrivelmente repugnante não é novo para mim. Mas desta vez levou-me a pensar um pouco mais do que geralmente. Que é um legalista? É realmente tão mau ser um legalista?

Aparentemente um legalista é uma pessoa que advoga uma conformidade escrita e literal com o código moral da Lei. O termo parece indicar que na obediência há algo de escravizante, anormal e excessivo. Concorro de boa mente que os extremos no comportamento religioso não são desejáveis nem atraentes.

Mas sou forçado a encarar realisticamente a simples pergunta: é possível ser demasiado obediente à Lei, conformar-se excessivamente com o código moral de Deus? Têm os que guardam o sábado de Deus ido demasiado longe em conformar-se literalmente com a expressa vontade de Deus? E se alguém argumenta que assim sucede, então temos de concluir que é bom ser apenas parcialmente obediente à expressa vontade de Deus para a conduta humana?

Se há um caminho médio neste assunto da obediência, então para evitar sermos chamados legalistas devemos guardar todos os mandamentos metade do tempo ou devemos guardar metade dos mandamentos em todo o tempo?

O que é facto é que provavelmente os nossos inimigos retirariam a acusação se nós, como a maior parte das igrejas, ensinássemos a observância de nove dos mandamentos e o desrespeito pelo quarto. Isto nos leva a perguntar com toda a franqueza: Que faz com que exista esta antipatia? Porque insistem alguns que devemos esquecer, ou pelo menos não interpretar literalmente, o único mandamento que Deus expressamente introduziu com a palavra *lembra-te*? Sem dar por isso, tais indivíduos buscam realmente obliterar algo que Deus sempre declarou ser muito importante.

Procurando prescindir do Seu Sábado, as pessoas estão prescindindo do que Deus chama «Seu sinal». Há muitos anos Deus expressou esta verdade da seguinte maneira: «Também lhes dei os Meus Sábados para que ser-

vissem de sinal entre Mim e eles; para que soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica». Ezequiel 20:12. O Sábado ocupava então um plano muito definido. Como sinal de Deus, a sua observância devia ser reconhecida como um sinal de lealdade e amor para com o Deus do céu.

Uma vez por ano alguns países da terra celebram um dia especial conhecido como o «Dia das Mães». Duma maneira geral usam-se cravos naquele dia — vermelhos para as mães vivas e brancos em memória das que já faleceram. Esse dia serve como tempo de reflexão acerca das bênçãos recebidas de uma bela e completamente abnegada relação — a de uma mãe para com o seu filho. Quando correctamente observado, serve para fortalecer os laços de amor e afecto já existentes, encorajar a expressão de apreço genuíno por uma atenciosa e dedicada mãe e promover a lealdade e devoção familiar. Nenhum jovem de carácter bem formado pensa que este dia de lembrança de actos de bondade, de fervor de propósito, de belo exemplo, seja um dia insípido, maçador, «o dia mais aborrecido do ano». Pelo contrário, é idealmente um dia deleitoso em que os corações são aquecidos e a felicidade é aumentada pela lembrança e pela comunicação. Mas é claro que, para que este dia signifique alguma coisa, torna-se necessário que a pessoa tenha conhecido e apreciado o amor de uma mãe. Este é um requisito essencial.

Alguns dos motivos por que a humanidade tem sentido a necessidade de designar um dia para recordar a bondade das mães, são os mesmos que levaram à designação de um dia em cada semana para recordar a bondade de nosso Pai Celeste, o Criador de todos nós. O Sábado foi designado para se tornar um laço de união, vinculando mais estreitamente o homem grato Àquele que nos fez com amor e quis felicidade para todos. Deve ser um dia para *lembrar* a bondade e as constantes bênçãos de Deus, *expressar* a nossa cordeal gratidão, e *renovar* a nossa feliz relação com o nosso Sábio e benevolente Pai.

Torna-se assim evidente que o Sábado pode ser absolutamente inútil se o homem primeiro não sentir algo no seu coração. Deve sentir devoção para com Deus, apreço pela Sua bondade e bênçãos e a rectidão da Sua divina vontade, a nós expressa pelos Dez Mandamentos. Assim como o Dia das Mães deve ser mais do que um dia em que simplesmente se usam cravos, assim também o Sábado deve ser mais do que um dia em que simplesmente nos abtemos do trabalho. Só tem sentido na medida em que representa uma feliz e santa relação.

Portanto é evidente que se alguém quer observar o Sábado convenientemente, deve antes de mais nada ter uma experiência viva com Deus. O Sábado é um sinal, mas deve o ser de algo. É um sinal do facto de que conhecemos e amamos a Deus, de que Jesus Cristo Se tornou o Senhor de nossas vidas, de que olhamos para o Calvário, reconhecendo a nossa pecaminosidade e compreendendo

que na cruel cruz Jesus pagou o terrível preço da nossa redenção. Então com gratidão usamos alegres o distintivo, o sinal, a marca que indica a nossa experiência com Ele.

Fundamental e basilar para a verdadeira observância do Sábado é a experiência da conversão e do novo nascimento. Sem ela, este dia pode ser pouco menos do que insípido e maçador, e a hora passada na igreja realizando formalidades de culto a Deus pode ser desprovida de qualquer sentido. Evidentemente quando Deus criou o Sábado, considerou-o como sendo o dia mais feliz e mais desejado de toda a semana. Com efeito, Ele expressou especificamente o Seu desejo de que o considerássemos como um «deleite». Eis a maneira como Ele se expressa: «Se desviares o teu pé do Sábado e de fazer a tua vontade no Meu santo dia, e se chamares ao Sábado deleitoso e santo dia do Senhor digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no Senhor». Isaías 58:13-14.

Uma coisa é certa — o Sábado nunca pode ser um tempo muito feliz se for considerado negativamente, como um dia de restrições, inibições, repressões, embaraços; se for primordialmente um dia de «não faças». Se o Sábado for apenas um dia em que nada fazemos de agradável e se a coisa mais feliz nele for o pôr-do-sol para o terminar, então nunca pode proporcionar vigor e satisfação: nunca pode ser alegremente aguardado nem avidamente desejado.

Há alguns anos atrás dois irmãos assistiram a uma série de reuniões de evangelização e ouviram a verdade de Deus para estes últimos dias. Um irmão decidiu que esta era de facto uma mensagem de Deus para Ele, tomou a sua posição e uniu-se à igreja pelo baptismo. O outro irmão rejeitou a mensagem, e cada Sábado ao partir para o trabalho despedia-se lembrando quanto dinheiro ele ia fazer naquele dia, incluindo horas extraordinárias, e ridicularizando o irmão por não fazer o mesmo. No fim do dia, o que tinha trabalhado voltava a falar com o observador do Sábado, lembrando-lhe de novo quão melhor estava financeiramente como resultado de ter passado aquele dia no trabalho.

Em breve o novo observador do Sábado ficou numa situação terrivelmente invejosa, confusa e frustrada. Os seus problemas financeiros eram tão grandes que ele necessitava de trabalhar em todas as oportunidades possíveis e todavia a sua consciência era suficientemente sensível para sentir que não devia profanar o Sábado de Deus. Agitado por pensamentos contrários, ele era provavelmente um dos mais infelizes observadores do Sábado que este mundo jamais viu. Em breve deixou de frequentar a igreja e ficava todo o dia em casa falando constantemente do seu grande prejuízo como resultado da observância do Sábado. Esse dia tinha-se tornado para ele um terrível fardo, uma pesada obrigação. Felizmente para ele, sua atitude mudou, pois de contrário nessa altura abandonaria por com-

pleto a igreja. Finalmente veio a reconhecer quão errado era o seu ponto de vista e a tempo viu o Sábado como a instituição deleitosa e compensadora que Deus pretende que seja. Aprendeu a depositar plena fé e confiança no Deus do Sábado que nunca o deixaria cair se fielmente O seguisse. Permaneceu como cristão fiel e leal nos anos que se seguiram e teve até a alegria de ver seu irmão tomar por fim posição pela verdade.

O Sábado deve ser um deleite. Deve ser o dia em que alegremente «O honramos». Tudo o que verdadeiramente honra a Deus e pode ser feito com o objectivo de aprender mais do Seu carácter, obras, caminhos e vontade, é próprio da observância do Sábado. Tudo o que abre oportunidades pelas quais o Seu amor pode ser partilhado com corações desamparados e desanimados ao nosso redor é observância conveniente e correcta do Sábado.

O Sábado pode na verdade ser desejado desde o início da semana, porque nesse dia há oportunidades para actividades que satisfazem a alma e que não é fácil realizar nos restantes dias sobrecarregados com trabalho. O convertido filho de Deus querera associar-se com outros observadores do Sábado neste dia porque necessita da força que tal associação lhe trará. Provavelmente defrontou preconceitos e escárnio pela sua fé durante a semana. Necessita de se associar com os que vêm as coisas como ele para voltar a carregar as suas baterias e para ter de novo a certeza de que apesar do facto de por vezes estar quase só, está fazendo o que é recto. E assim o fiel observador do Sábado encontrar-se-á certamente na Escola Sabatina, no culto e na reunião dos Missionários Voluntários nesse dia, se isso lhe for possível.

Mas nas restantes horas do dia há ainda oportunidades para aprender mais de Deus através da natureza, através de tranquilos passeios nos campos e bosques e junto das águas. Há oportunidades para levar um pouco do amor de Deus aos que sabem o sentido do sofrimento e das decepções, da solidão e frustração. Cantar com outros crentes em hospitais e asilos, visitas missionárias, distribuição de literatura, tudo tem o seu lugar em tornar este dia um dia cheio das compensa-

doras actividades que fazem dele um deleite.

Se o Sábado não é um deleite para vós, se estais até procurando fugir à obrigação de o guardar, olhai de novo para vós mesmos e procurai descobrir o que está mal. Examinai primeiro a vossa própria experiência cristã e vede se conheceis ou não o significado da conversão e do novo nascimento. Lembrai-vos de que Cristo quer transformar-vos em nova criatura de sorte que velhos pecados e desejos e concupiscências dêem lugar à nova vida por meio d'Ele.

Lembra-vos de que só as almas que desfrutaram de uma rica e compensadora relação com Deus podem verdadeiramente guardar o Seu Sábado.

Então vede se vos tendes estado concentrando ou não nas proibições da observância do Sábado em vez de vos concentrardes nas suas oportunidades. Colocai no segundo plano da mente os aspectos negativos, as coisas que *não* fazemos ao Sábado. Concentrai-a nos aspectos positivos, nas oportunidades que o Sábado nos oferece cada semana, e então, ao santificardes os Sábados de Deus, lembrai-vos do pacto de Deus: «Servirão de sinal entre Mim e vós, para que saibais que Eu sou o Senhor vosso Deus». Ezequiel 20:20.

Como jovens convertidos, estejamos gratos pelo privilégio de compreender os dias em que vivemos e de conhecer a proximidade da vinda de nosso Senhor. — Sem dúvida, há algumas coisas que não fazemos, mas há muitas mais coisas que fazemos. Nossas vidas como jovens cristãos são repletas de recompensa e satisfação, não de insipidez e tristeza. Em vez de despertarmos de manhã com má disposição e «boca amarga», podemos ser inspirados cada dia com o pensamento de que a benignidade e bênçãos de Deus são «novas cada manhã». Embora o mundo olhe para nós como sendo diferentes, e de facto o somos (ou pelo menos devíamos sê-lo), sentimo-nos felizes com o que temos por Jesus Cristo. Orgulhosamente usamos o distintivo, o sinal entre nós e Deus, e proclamamos ao mundo a nossa gratidão para com o Salvador que Se deu a Si mesmo por nós e por um Pai Celeste que nos amou de tal maneira que nos deu o Seu próprio Filho.

QUINTA-FEIRA

O Mistério das Colunas em Branco

por R. R. Hedstad

Nos meus ficheiros tenho um jornal que é diferente de qualquer outro que tenho visto. Foi impresso com uma coluna em branco na primeira página! Os editores geralmente não imprimem jornais com uma coluna em branco. Por que a deixaram em branco?

Jovens amigos, por detrás desta coluna em branco acha-se uma das mais curiosas histórias que conheço. Dei-lhe o título de «O Mistério das Colunas em Branco».

A história começou com um homem chamado Tex Wilson, que possuía um

jornal semanal. Durante o segundo ano da administração do Sr. Tex, apareceu uma edição com uma coluna em branco na segunda página. Depois disso, possivelmente duas vezes ao ano, aparecia outra coluna em branco. Uma vez até houve uma na primeira página.

Ninguém conseguiu descobrir por que o Sr. Tex tinha essas colunas em branco no seu jornal. Quando lhe perguntavam, respondia: «Não há lei que determine que um editor deve preencher toda coluna, não é assim?» E, realmente, não há.

O mistério não teria sido explicado se alguém não houvesse iniciado o rumor de que o Sr. Tex era pago para suprimir de seu jornal histórias que seriam desfavoráveis a certas pessoas. Um dia, o ancião Pedro Moody ouviu esse rumor na mercearia. Como ele tinha estado em casa durante várias semanas contristado com a morte de sua esposa Molly, foi dos últimos a ouvir o boato.

A mercearia tornou-se muito silenciosa quando o ancião Pedro se levantou e exclamou: «Não é assim! O Sr. Tex nunca recebeu na sua vida um único escudo para excluir qualquer história do seu jornal. O que ele fazia provinha da grandeza do seu coração. Eu sei, porque... porque... eu... fui uma daquelas colunas».

Foi preciso coragem para o Pedro contar a história, mas não hesitou. Quatro anos antes, ele atingira a idade de setenta anos, e sabia que seria substituído no seu emprego por um homem mais novo.

Pedro não sabia como Molly e ele iriam viver depois da reforma. Não tinham economias. Durante anos, Pedro havia estado a ajudar uma filha pobre, e não havia quem os recolhesse. Pedro trabalhava na secção de acessórios de uma grande fábrica de ferramentas. Um dia, apreensivo acerca de como poderia ganhar para sua Molly, praticou o primeiro acto deshonesto de sua vida. Tirou uma ferramenta cara e vendeu-a na próxima povoação. Depois tirou outra. E ainda outra. Tinha estado a roubar durante várias semanas quando o seu patrão, que tinha estado a desconfiar, o apanhou.

Tex encontrava-se no comando da polícia à procura de notícias quando o patrão telefonou. Acompanhou o chefe à fábrica de ferramentas e foi fazendo anotações para a sua história enquanto Pedro, envergonhado, cochichava, explicando o receio que o havia levado a roubar.

Ao terminar hesitantemente sua triste história, Tex limpou a garganta. «A esposa de Pedro tem sido muito activa na igreja desta povoação», disse claramente. «A Molly é uma boa senhora. Não merece ser envergonhada».

Tex levou o chefe e o patrão para outro quarto. Vinte minutos mais tarde voltou para dizer ao Pedro que lhe seria dada outra oportunidade — com a condição dele devolver o dinheiro que havia recebido da ferramenta roubada.

«Via de regra geral,» disse Tex a Pedro, «eu publicaria a história dos teus roubos no jornal. Como aviso para ti, vou publicar à mesma essa coluna, mas ficará em branco. Se tu desgraçares a Molly novamente, publicarei a história. O povo pensa que sou louco, Pedro, por publicar com estas colunas em branco; mas para ti esta coluna será um aviso. E que seja também um monumento da minha fé de que és um homem bom e honesto».

Quando Pedro foi substituído no seu emprego alguns meses mais tarde, foi Tex que animou a Molly e o Pedro a manterem-se com a venda das esplêndidas compotas premiadas de Molly. E quando Molly faleceu era uma senhora feliz que nunca havia sido desgraçada.

Oito das onze colunas em branco que Tex publicou antes de falecer continuam a ser um mistério. Ninguém sabe que enganos, que mágoas, ficaram lá ocultas. Quanto ao Tex, espero que quando for publicada a última edição da imprensa celestial, haja uma coluna em branco para ele sob o título: «Pecados de Tex Wilson».

«Abriram-se os Livros»

Oh, juventude, quão solene é o pensamento de que mesmo agora, nossos pecados estão a ser registados nos prelos lá de cima, que as colunas impressas revelam todos os actos de nossas

vidas! E um dia reunir-se-á o universo para ouvir sua leitura.

Ouvi! Eis aqui a cena tal qual a descreve Daniel: «Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias Se assentou; o Seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da Sua cabeça como a limpa lã; o Seu trono chamava de fogo, e as rodas dele fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante d'Ele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros». Daniel 7:9-10.

Que cena solene! Daniel pinta aqui um quadro inspirado do juízo final, parte do qual está em andamento agora mesmo! Sim, o resto de todos quantos já professaram Cristo estão a ser examinados agora. Estás nesse número? O universo contempla para que saiba porque Deus aceita uns e rejeita outros. Ao ser examinado um relatório após outro, faz-se um registo das nações dos remidos de que nos fala S. João. (Apoc. 21:24).

Notemos novamente as palavras de Daniel: «Assentou-se o juízo, e abriram-se os livros».

Enquando estais assentados aqui, Deus tem três livros à Sua frente:

1. *O livro da vida*. Nele encontram-se os nomes daqueles que O servem. Todos os que entregaram seus corações a Cristo têm os seus nomes nesse livro. Todos os que foram batizados estão nessa lista.

2. A seguir há *o livro do memorial*. Nele está registada toda a boa obra que tendes praticado: toda a louça limpa prazenteiramente, cada hino cantado no grupo de cânticos, toda a visita feita a um entrêvado, toda a relva aparada ao vizinho, todo o Estudo Bíblico feito, toda a palavra bondosa proferida.

3. Existe também *o livro de registo* no qual aparecem os vossos pecados.

Diz S. João: «E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras».

Mas que está escrito nesse registo? Em S. Mateus 12:36-37 Jesus torna bem claro que até para «toda a palavra ociosa» que dissemos há um registo. O sá-

bio acrescenta que «Deus há-de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau.» (Eclesiastes 12:14).

Muitas vezes ouvimos o ministro dizer que os anjos estão presentes nos nossos cultos de igreja. E, na verdade, estão. Estão aqui hoje, fazendo um relatório dos nossos pensamentos enquanto ouvimos, observando nossa reacção enquanto o Espírito Santo nos faz o Seu apelo. Mas lembramo-nos como devíamos de que o nosso anjo relator está connosco a toda a hora? Quando estamos a brincar, ele encontra-se connosco a observar nosso porte. Quando estamos deitados antes de adormecer, sòzinhos no nosso quarto, tudo está aberto aos olhos de Deus e do anjo relator. Não há carro estacionado, nenhum quarto exclusivo com luzes mínimas, em que o anjo relator não esteja presente.

Um jovem certa vez importunou uma jovem a pedi-lo em casamento — tudo por brincadeira, está visto. Depois mostrou-lhe o gravador que havia escondido atrás do sofá. Havia gravado sua proposta! Imediatamente as coisas já não eram tão engraçadas, quanto a ela. O rapaz disse-lhe que nunca a havia de reproduzir a ninguém. Mas ela insistiu em que ele desgravas-se a fita magnética se desejava que ela continuasse com sua amizade. Ele desgravou. (E desde então sempre viveram felizes!)

Procede Deus como aquele jovem? Procura apanhar-nos em algum laço num momento de descuido, para gravar as palavras que nos escapam involuntariamente dos nossos lábios para depois riscar-nos da Sua lista cristã? Não, nunca vos esqueçais: Deus deseja-nos no Seu reino, desesperadamente deseja-nos lá!

Porque mantém então tão cuidadoso registo — de cada palavra, cada pensamento secreto? Digamos que um dos vossos íntimos amigos — um que considereis um bom cristão — não se encontra na primeira ressurreição e não toma parte na gloriosa viagem ao céu convosco. Desejareis saber a razão. Se quereis ser feliz no céu, necessitais saber e estar convencido de que Deus fez tudo quanto o amor pode fazer pa-

ra salvar aquele amigo. Deus, com tristeza, poderá abrir o livro de registo e mostrar-vos a vida daquele jovem. Vereis que o mais misericordioso acto de Deus no fim será destruí-lo. Porquanto um pecador acharia o céu um lugar de eterna tortura; a menos que aprendamos a apreciar a companhia dos santos seres aqui na terra, nunca os apreciaremos na eternidade. E quando esse amigo surgir na segunda ressurreição diante da Santa Cidade, reconhecerá a justiça da sua perdição. Reconhecerá que só ele é responsável pela sua perdição. Não renunciaria sua vontade a Deus. Estais a ver que Deus não necessita do registo para Si mesmo, mas para satisfazer-nos.

Todo o pecado coberto

Outro motivo por que Deus faz um cuidadoso registo de todo o pecado é para que todo o pecado seja coberto pelo sangue de Jesus. Há pecados que resultam de ignorância, dos quais nem sequer sabemos. Um pecado não perdoado poderia excluir-nos do céu. E poderíamos esquecer-nos de um. Então Satanás no-lo lançaria em rosto no juízo. A justiça requeria que nos perdêssemos, porque o salário do pecado é a morte. Mas Deus providência para que isso não aconteça. Jesus, nosso Advogado, pleiteia diante do Pai, «Meu sangue», (*Vida e Ensinos*, pág. 38) «Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem». (Lucas 23:34).

O Pai ama-nos tão profundamente como o Filho, pois «Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo». (II Cor. 5:19). E o Pai nos perdoa. Tanto deseja ter-nos no Seu reino que «deu o Seu Filho unigenito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna». (João 3:16).

Esse Filho tornou-Se um connosco, andou no nosso mundo, enfrentou nossas provações, sentiu nossas amarguras e tentações, para que soubesse como confortar-nos e auxiliar-nos e para que soubéssemos que Ele nos compreende. Como escreveu certo autor: «Ele compreende vossos anelos, compartilha vossa dor profunda. Deixai-O levar

vosso fardo, pois Ele compreende, e interessa-Se».

Sim, Ele preocupa-Se — preocupa-Se tanto que foi ao Getsêmane e com grandes gotas de sangue como suor sobre Si caiu moribundo em terra sob o peso dos nossos pecados — vossos e meus pecados. Anjos O fortaleceram para que Ele pudesse erguer-Se para ser escarnecido, cuspido, açoitado e enviado a cambalear pedregoso monte acima com os nossos pecados no Seu coração, quebrando-o, extorquindo-Lhe a vida. Assim mesmo lá Ele bradou: «Pai, perdoa--lhes».

É este mesmo Jesus que roga por nós hoje como nosso Grande Sumo Sacerdote: «Pai, perdoa-lhes».

E o Pai, que também nos ama, perdoa. Por Sua ordem um anjo dirige-se ao livro de registo e ao lado dos nossos pecados escreve: «Perdoado». Pois sim, «se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça». (I João 1:9). «Vinde então, e argui-me, diz o Senhor; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam como o carmesim, se tornarão como a branca lã». Isa. 1:18.

Que notícias maravilhosas para um mundo dos Pedro Moodys, envergonhado com o seu registo de pecado e derrota! «Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve».

Não, nunca nutrais pensamento de que Deus escrutina vossos passos, procurando apanhar-vos nalgum pecado para que Ele possa riscar-vos de Sua lista cristã. Ele mantém o registo por por amor de vós.

Cópia química

Se tendes estado a ouvir com atenção, notastes alguma coisa: O registo dos *nossos* pecados não é anulado quando pedimos perdão. Naquele momento escreve-se «perdão» ao lado do nosso nome, mas o registo dos pecados permanece. Lembrai-vos de que o Sr. Tex Wilson disse ao Pedro Moody que não publicaria a coluna com a notícia do seu

roubo, mas manteria a história à mão para empregá-la se Pedro voltasse novamente a ser ladrão. Assim acontece connosco. Se nos desviamos de Deus, renunciemos a Ele, se renunciemos à nossa cidadania do céu, o registo estará lá. E um dia vê-lo-emos publicado para o mundo todo o ler.

Lembro-me de uma jovem que cometeu um grave engano. Como chorou ao procurar-me para ajudá-la a endireitá-lo! Quão triste estava! Saberá todo o universo do seu engano? Não será preciso, porque um dia, em breve, Deus irá apagar o registo do pecado lá em cima. Desaparecerá aquela longa coluna, aquela coluna vermelha, aquela coluna vergonhosa. Oíço-vos orar: «Senhor Deus, quereis fazê-lo por mim?» Jovem amigo, será preciso mais do que a oração. Descubramos o que será.

Possuí uma vez um caderno de ditado no qual não havia nota inferior a 20 valores — creio que era da 3.^a ou 4.^a classe, segundo me ocorre à mente. As pessoas olhavam-no e diziam: «És formidável no ditado!» Mas não era; o ditado não era o meu forte. Se examinásseis de perto o meu livro de ditado descobriríeis que algumas páginas haviam sido excluídas. Sim, houve uma vez páginas nele com correcções, palavras mal escritas, e notas de que não me sentia envaidecido. Eu as havia eliminado para que ninguém soubesse. Não podemos fazer isso com o livro de registo. Ele está lá em cima e nós estamos cá em baixo. E nenhuma mão humana poderá alterar o registo escrito pelos anjos.

Mas aguardem um momento: Estará o registo realmente lá em cima? Ou poderá ser que o registo *lá* seja uma cópia química do que está *cá*? Um registo de nossas mentes. Dos nossos corações. Dos nossos *caracteres*. Se o registo lá é uma cópia química dos nossos caracteres cá, não fará uma mudança nos nossos caracteres cá, uma alteração no nosso registo lá?

Com frequência pensamos no juízo de cima como alguma coisa que não podemos remediar. Falamos da purificação do santuário, e lembramo-nos de que o santuário está no céu, que fica contaminado com o registo do pecado,

e que precisa ser purificado. Esta obra, provamos pela profecia, começou em 1844. A obra de purificação é uma obra de julgamento, que começou com os mortos. Finalmente quando os vivos forem julgados, o Senhor virá. Tudo isso sabemos. Mas sabemos que *diariamente* estamos a escrever o registo que está a ser feito? Como disse o poeta:

«A textura da vida que há de ser, tecemos com as nossas próprias cores. E nos campos do destino, colhemos aquilo que semeamos».

Nunca nos esqueçamos disto: *Nosso Grande Sumo Sacerdote nunca poderá apagar nossos pecados do livro de registo lá em cima a menos que Lhe permitamos apagar os pecados dos nossos corações cá em baixo.*

Disse o Apóstolo Paulo: «Não sabeis vós que sois o templo de Deus?... Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá.» I Cor. 3:16-17. Naquele grande dia de expiação Deus apagará, ou o registo dos nossos pecados ou o nosso nome do livro de vida. Como conseguiremos a anulação do registo dos nossos pecados lá em cima? Empreguemos um jovem como exemplo. Está lá em cima o registo de sua vida — uma cópia química do seu carácter. Para haver a certeza de que o seu registo de pecado lá em cima foi anulado, o pecado precisa ser apagado da sua vida. Como o consegue?

Sondemos a mente com que nasceu. Nas suas profundezas vemos o que é feio, a «inclinação» ao pecado torceu-lhe sua hereditariedade — os próprios genes. A Bíblia o expressa assim: «Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram.» Eze. 18:2. Nascemos todos no pecado, produto de uma herança pecaminosa. De resto, antes desse jovem se encontrar com Jesus, ele acumula um registo impressionante de pecados imperdoados. Contemplamos o seu coração e vemos ódio, tristeza, irritabilidade, orgulho, desconfiança, concupiscência, cobiça. Não matou ninguém, mas porque tem estado zangado com o seu irmão, o registo acima o classifica como homicida, porque Jesus disse: «Qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão será réu de juízo». Mat. 5:22. Porquan-

to cobiçou, encontra-se classificado lá em cima como adúltero, pois Jesus disse: «Qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela». Mat. 5:28.

Que pode o jovem fazer para remediar seu registo lá em cima?

Um dia sua consciência começa a picá-lo. Dentro de pouco tempo torna-se insuportável. Como disse alguém: «Uma consciência que trabalha é uma consciência que fere». Que está a acontecer? O Espírito Santo está a falar-lhe ao coração. Ele contempla a lei de Deus, que é como um espelho, e pela primeira vez vê-se tal qual é — torcido, feio, perdido. Sua alma enche-se de remorso, e ele brada como Isaías da antiguidade: «Ai de mim, que vou perecendo porque eu sou um homem de lábios impuros». Isa. 6:5.

Nosso jovem sente-se tão envergonhado por causa dos seus pecados que resolve abandoná-los. Confessa-os a Deus e pede perdão. E nosso Senhor perdoa-lhe, porque «se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda a injustiça». (I João 1:9).

«Perdoado»

Nessa altura sucede alguma coisa com o registo escarlata lá em cima. Sobre o pecado que o havia condenado à morte eterna, Cristo escreve «Perdoado». O pecado que pertencia ao jovem, Cristo toma sobre Si; a justiça que pertence a Cristo, Ele a considera como pertencendo ao jovem. Isto Cristo faz de boa vontade por todos nós, e tornamo-nos livres. «Se pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres», diz-nos Deus. João 8:36.

Então, qual é o dever do jovem se seu registo pecaminoso deve permanecer perdoado? «Ao avançar para a perfeição, ele experimenta uma conversão diária a Deus; e esta conversão não está concluída enquanto não alcançar a perfeição do carácter cristão, uma preparação completa para o último retoque para a imortalidade». — *Testimonies*, vol. 2, pág. 505.

Permanecemos perdoados permane-

cendo em Cristo — cada dia, cada hora. Diariamente procuramos reflectir mais perfeitamente Sua santa lei, a qual é, não vos esqueçais, uma transcrição do carácter de Deus, «uma cópia da mente e da vontade do infinito Deus». *Our High Calling*, pág. 138. A obediência aos seus requisitos aperfeiçoa nosso carácter e restaura-nos, mediante Cristo, ao estado do homem antes da queda. Esta é a obra na qual precisamos cooperar com Cristo todos os dias de nossa vida. Como bons soldados, precisamos combater contra o inimigo. E dia a dia, ao resistirmos-lhe, descobriremos que sua força, seu apego a nós, desfalece; diariamente o poder de Cristo, Seu poder sobre nós, fortalece-se.

E se se fizer outro registo? Demonstrará nossa queda que afinal não estamos salvos? Não é isso, porque não são as «ocasionais boas ou más acções» que demonstram se estamos convertidos, mas «a tendência das palavras e acções habituais». *Degraus da Vida Cristã*, pág. 52.

Se amamos o pecado, cautela; porque aquelas colunas escarlatas lá em cima estão a crescer mais e mais, e o tempo está a diminuir mais e mais, e um dia os dois encontrar-se-ão — o fim do tempo e o vosso registo.

Não há muito tempo, estava sentado num tribunal. Estava a ser julgado um jovem por grave delito. Ouvi a evidência ser apresentada, vi o júri, muito sério, silencioso, sair.

O jovem que estava a ser julgado mergulhou a cabeça nas mãos. Sua esposa retorcia um lenço entre mãos.

Horas mais tarde — ou seriam apenas minutos, porque o tempo deixou de ter significado, — o júri entrou. O juiz pediu a decisão. O presidente do júri disse: «Nós, o júri, achamos o réu — culpado conforme a acusação».

O homem empalideceu ao ser levado diante do juiz e condenado à penitenciária. Sua esposa chorou angustiadamente e desapareceu do tribunal.

Continuei sentado silencioso, solene, pensando na minha própria intimação, acusando-me de inumeráveis pecados, intimando-me ao grande tribunal lá de cima. Tirei do bolso minha Bíblia e li:

«Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo». Rom 14:10.

Vivo na solene esperança de que naquele dia, quando o anjo se voltar para o meu registo, encontrará meus pecados apagados. Isto Cristo fará por todos os que crescem diariamente à Sua semelhança, à Sua imagem.

O que Tex Wilson fez por Pedro Moody, nosso Senhor fará por nós e muito mais — naquele dia Ele destruirá o registo dos nossos pecados. Fará isso com nosso registo lá em cima, digo, se Lhe permitirmos remover o pecado do templo da alma. Nosso registo lá em cima será puro e imaculado porque nossas mentes, nossos corações, tornaram-se puros e imaculados. Estais a ver porque intitulei esta palestra «O Ministério das Colunas em Branco?» É um mistério que ultrapassa a nossa compreensão que Cristo não só morreu por nós, mas também vive para nós, vive *dentro* de nós, até reflectirmos com-

pletamente Sua imagem. Nisto está o «mistério da piedade».

Que poderemos fazer para exprimir a nossa gratidão para com nosso Salvador?

Nesta vida muitas vezes O temos envergonhado. Tomemos Seu nome: chamamo-nos cristãos. Mas temos andado com corações impuros e falado palavras impuras. Assim fazendo, temos dito ao mundo: «Jesus é assim. Ele é assim».

Deus nos perdoe.

Não acrescentemos pecado a pecado, coluna escarlata a coluna escarlata, professando-O e em Seu lugar apresentando perante o mundo o pai da mentira.

Jovem amigo, Se Cristo há-de atribuir-te Sua vida quando estiveres diante do Pai, se Ele não Se envergonhar de te chamar irmão, poderás deixar de entregar-Lhe teu coração, tua vontade, para que Ele transforme o teu carácter nesta vida? Fa-lo-ás?

SEXTA-FEIRA

O Paraíso da Era Espacial

por Fordyce W. Detamore

Para onde vais? Qual é o teu destino final? Que rota segues? Estas são simples perguntas básicas que se faz a alguém que está a iniciar uma viagem. Quer queiramos ou não, todos estamos a fazer a viagem da vida — e nós próprios temos que resolver o nosso destino.

Já escolheste o teu?

A vida compõe-se de uma série de escolhas. Que comerei para o almoço? Que livro lerei a seguir? Como hei-de passar o próximo Sábado à noite? Onde hei-de morar? Que fato ou vestido hei-de vestir hoje? Que emprego hei-de escolher? A quem escolherei por companheiro de vida?

Mas a maior de todas as escolhas que todos têm a resolver é: Para onde estou a ir? Qual é o meu destino final?

O que então?

Quando as grandes fábricas das nossas cidades
Tiverem apresentado sua última obra completada;
Quando o comerciante tiver vendido seu último metro de seda

E despedido seu último empregado extenuado;
Quando os bancos tiverem recolhido seu último escudo,

E tiverem pago seu último juro;
Quando o Juiz do mundo disser:
«Encerrado esta noite,» e pedir a balança —
O que então?

Quando o som da trombeta esmorecer em silêncio,
E as longas colunas em marcha estacionarem;
Quando os milhões da terra forem reunidos
Do oceano e vale e colina;
Quando o Dia que não tiver o amanhã
Tiver chegado ao seu último, último fim,
E a voz de Deus desde os Céus,
Disser, «Está feito» —
O que então? — J. Whitfield Green.

Parece estranho, mas alguns jovens frequentemente ligam a menor impor-

tância e planeamento à mais importante decisão de todas: «Para onde estou a ir?»

Procuramos tirar a aresta da velhice. As pessoas mais velhas agora são chamadas «Cidadãos senior.» Lindas povoações de reformados são esplêndidas, mas não podem remover a realidade do fim que se aproxima. Chamamos um cemitério um «jardim de recordação» ou «um parque recordativo» — todas tentativas transparentes para esconder a tristeza do ponto final desta vida. E dizem-nos que a pessoa da classe geral tem apenas 2.500\$00 quando chega ao fim da sua jornada. Que crédito miserável para apresentar como resultado de uma vida à procura de dinheiro.

Mas o jovem cristão tem um alvo mais radiante além — a vida eterna num lar que é real. «Far-me-ás ver a vereda da vida; na Tua presença há abundância de alegrias; à Tua mão direita há delícias perpétuamente». Salmo 16:11. Isto é vida — vida eterna — não apenas uns poucos anos turbulentos aqui num mundo de confusão!

O Céu é real. Estará cheio de prazeres para sempre — sempre não apenas um bom tempo uma vez por outra, mas verdadeira alegria, verdadeira satisfação, prazer verdadeiro e isso sem fim.

Que lástima, que Satanás seja bem sucedido em enganar tantos jovens a fixar seus alvos apenas nas coisas *desta* vida, aquela que só conduz ao cemitério, não é verdade?

Dois jovens da mesma província concluíram os estudos superiores na mesma altura. Um foi para China e numa viagem evangelística foi assassinado pelos bandidos. Mas um dia a vida eterna será sua recompensa. Sua simpática esposa é obreira bíblica enquanto aguarda seu reencontro.

O outro jovem dirigiu seu olhar para o mundo em vez de erguê-lo às estrelas. Ele deixou Deus atrás: renunciou à companhia dos anjos. Na verdade, é hoje milionário. É dono de famosa *equipe* de jogadores de bola: é dono de oito grandes companhias; aprecia sua bebida social e seu palacete aqui no mundo. Mas será um indigente quando a verificação

final deitar mão às suas riquezas terrestres.

Qual dos jovens fez a melhor escolha? Certamente aquele cujo lema era: «Outros», cujo alvo era o Paraíso.

Gostarias de ser um astronauta? Realmente? Pensa nos anos de treino extenuante pelos quais eles têm que passar e os prazeres pessoais que devem sacrificar simplesmente para fazerem uma rápida viagem pelo espaço exterior.

Gostarias de ir à lua? Gostarias realmente? Dizem que ela tem centenas de graus de calor na parte iluminada e centenas de graus negativos na parte escura. Qual dos lados da lua escolherias? E lembra-te, dizem que o pó lá poderá ter mais de trinta metros de espessura. Uma vez na lua, provavelmente desejarias voltar à terra. E pensarmos que estamos a gastar biliões de escudos cada dia para atingirmos a lua!

Mas não achas que ^{deves} ter um alvo mais elevado do que lua? Paulo era altamente educado na ciência e na religião. Também era rico. Mas encontrou em Jesus a única satisfação verdadeiramente capaz de trazer-lhe paz *nesta* vida e verdadeira garantia de felicidade eterna a seguir.

«Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor». I Tess. 4:16-17.

Isso é realmente viajar através do espaço. Não *lançado* ao espaço exterior por um foguetão, mas arrebatado no ar para encontrar o Senhor. Qual é a melhor ascensão? E qual delas tem o destino mais satisfatório — o jovem astronauta ou o jovem cristão? Jesus diz-nos o destino que o jovem cristão alcançará. Há muitos transtornos e retrocessos nesta vida — dores do coração, cortes do coração e falhas do coração (ou noutros termos lágrimas, insónias, luto, vexames, mágoas). Mas Jesus diz: «Olhai para o além e animai-vos». «Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas

moradas. Se não fosse assim Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E se Eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também». João 14:1-3.

Ele virá outra vez e levará Seus fieis através do espaço exterior para o lar que Ele tem estado a preparar-lhes. É um lugar real. Está habitado por pessoas reais. «Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos». I João 3:2.

Mas isto não é tudo. Paulo garante-nos que nos conheceremos uns aos outros lá. «Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido». I Cor. 13:12.

Que delícia encontrar amigos num Congresso de Jovens. Vale a despesa e a longa viagem apenas para ver novamente amigos queridos, para não falar na inspiração das reuniões em si. E quão alegre será aquela reunião no Paraíso — melhor do que qualquer que possamos apreciar na presente era espacial.

Várias pessoas viram o céu. E todos dizem que é um lugar maravilhoso. Devíamos pesar sua estimativa do lugar no espaço chamado o Paraíso.

Paulo apresentou seu relatório depois de uma viagem até lá. Sua viagem foi tão real que ele não sabia ao certo se viajou através do espaço exterior em corpo ou em visão. «Conheço um homem em Cristo que ha catorze anos (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei; Deus o sabe) foi arrebatado até ao terceiro céu... Foi arrebatado ao paraíso: e ouviu palavras inefáveis». 2 Cor. 12:2-4.

Depois de ter feito uma viagem àquela terra maravilhosa, as tribulações da vida e a preparação para a viagem pareciam pequenos sacrifícios. «E disse-me: A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade pois me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo». Vers. 9.

Mesmo que perdesse tudo nesta vida, o outrora orgulhoso Paulo agora humildemente regozijava-se com os sabores terrestres porque estava ligado ao Paraíso celestial. As tribulações ao longo da estrada pouco influíam na causa do maravilhoso destino final. «Recebidos judeus cinco quarentenas de açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufragio, uma noite e e um dia passei no abismo; em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez» IICor. 11:24-27.

Quanto estais vós dispostos a suportar para alcançar o Paraíso? A tábua de desembarque encontrava-se na solitária ilha rochosa de Patmos. Através do espaço ele vigiava mais depressa do que a velocidade da luz. E então trouxe-nos a mais vívida descrição do Paraíso que está além do nosso céu. «E vi um novo céu e uma nova terra». E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém que de Deus descia do céu.

E tinha a glória de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jasper, como o cristal resplandecente». «E as doze portas eram doze pérolas; cada uma das portas era uma pérola; e a praça da cidade de ouro puro, como vidro transparente». «E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a saúde das nações. Apoc. 21:1, 10, 11, 21; 22:1-2.

Mas cautela com a sua advertência em Apoc. 21:27: «E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro». Apoc. 21:27.

Sòmente gente limpa entra lá. Es-

tais dispostos a abandonar *tudo quanto* seja contrário ao espírito do céu? As histórias sugestivas, as gravuras impuras, o lixo da vida, tudo precisa ser abandonado. Na ascensão não pode haver excesso de bagagem.

Mas compensa, contanto que tenha um lar lá. Isaías fez uma viagem ao Paraíso, e fala-nos daquela terra melhor: «Porque, eis que Eu crio céus novos e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão. E edificarão casas, e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o seu fruto». Isa. 65:17, 21.

«Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se abrirão. Então os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará; porque águas arrebentarão no deserto e ribeiros no ermo». «E os resgatados do Senhor voltarão, e virão a Sião com júbilo, e alegria eterna haverá sobre as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido». Isa. 35:5, 6, 10.

Sim, todos quantos o viram dizem que o Paraíso é um lugar maravilhoso — muito melhor do que qualquer lugar que poderemos encontrar neste velho mun-

do. Abraão não se importou de ser um peregrino aqui, porque ele rumava para uma terra melhor. «Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia. Pela fé habitou na terra da promessa, como em terra alheia, ... porque esperava a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e constructor é Deus».

Oferecei a uma criança uma bola reluzente e uma nota de mil escudos. Qual procurará agarrar? A bola reluzente. Quantos jovens hoje estão a agarrar a bola reluzente em vez de buscarem o ouro do Paraíso! Não permitais que Satanás vos prive de um lar naquele Paraíso celestial. Jesus pergunta: «Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma? Ou que daria o homem pelo resgate da sua alma?» Marcos 8:36-37. Quanto deste mundo estais dispostos a sacrificar para alcançar vosso lar celestial e eterno? Que seja esta a nossa decisão:

«Quero antes Jesus do que prata ou ouro,
Quero antes ser Seu do que possuir riquezas incontáveis; ...

Quero antes possuir Jesus do que qualquer coisa que este mundo oferece hoje». — Rhea F. Miller.

SÁBADO

CRISTO - A RESPOSTA

por H. M. S. Richards

Pouco antes da eleição presidencial de 1936, Franklin Roosevelt disse: «Há alguém em jogo nesta campanha — sou eu mesmo. As pessoas têm de ser ou a meu favor ou contra mim.» Isso era verdade. Ele era o que estava em jogo.

E isso é exactamente o que sucede nas nossas relações com o nosso Salvador. Somos ou por Ele ou contra Ele. Ele próprio disse isso. «Quem não é comigo é contra Mim.» Lucas 11:23.

Têm-me dito muitas vezes que ao pregar ou escrever para os jovens se deve ser muito simples e concreto, e evitar as doutrinas profundas e poderosas da verdadeira teologia bíblica.

Pessoalmente, não creio isso. Tenho tido a experiência de que os jovens pensam pensamentos extremamente profundos. Multidões de pessoas mais velhas abstêm-se de pensar. Aceitam o que parece evidente. Sentem que não são suficientemente boas para obter o Céu de Deus, e sendo assim de que lhes vale esforçarem-se? Tal conclusão, sem dúvida, é baseada numa absoluta falácia.

A suposição de que alguém, apenas pelos seus próprios esforços, possa ser suficientemente bom para obter o Céu de Deus não é verdadeira. Ninguém o é. A Bíblia diz que «todos pecaram, e

destituídos estão da glória de Deus.» (Romanos 3:25.) A glória de Deus é a Sua justiça, e nenhum de nós tem a mais ligeira oportunidade de poder subir até às áureas estrelas, bater às portas de pérolas e ser admitido — pelos seus próprios méritos.

«Eu sou o Caminho»

Se havemos de ter um lugar no Céu de Deus, temos de seguir o caminho de Deus. E o caminho de Deus é claramente revelado nas Santas Escrituras. Ele é claramente apresentado não só na profecia e nas promessas e nas declarações evangélicas do Velho e do Novo Testamentos, mas também nas próprios palavras de nosso Senhor Jesus Cristo. Disse Ele: «Eu sou o Caminho.» João 14:16. Se Ele é o caminho, então por que deve alguém tentar subir ou introduzir-se por qualquer outro caminho? Jesus também disse que aquele que se esforça por entrar doutra maneira «é ladrão e salteador». (João 10:1).

Ora precisamente aqui, antes de avançarmos, permiti-me que responda a uma pergunta feita hoje com frequência pelos jovens. Na realidade, Cristo existiu historicamente? Podemos prová-lo fora da Bíblia? A resposta é: Certamente. Tem-se dito que a história é a Sua história, e que a Sua história é a história. Além dos escritores bíblicos, vários historiadores seculares mencionaram o Senhor Jesus Cristo. O historiador romano Tácito (no Livro XV, capítulo 44, escrito em 114 da era cristã) refere-se ao Fundador da religião cristã, Jesus Cristo, como tendo sido condenado à morte por Pôncio Pilatos, no reinado do imperador romano Tibério.

E, a propósito, em 1961, foi descoberta pelos arqueólogos uma pedra na qual está inscrito o nome de Pôncio Pilatos. Esta é a primeira descoberta *arqueológica* acerca de Pôncio Pilatos, embora ele seja mencionado por outros historiadores.

Plínio o Moço é outro historiador romano, que escreveu uma carta ao imperador Trajano sobre Cristo e os cristãos. Vede o seu Livro X, parágrafo 96. E nas Antiquidades de Josefo, o

grande historiador judeu, escritas perto do fim do primeiro século da era cristã, encontra-se uma breve nota biográfica acerca de Jesus, que é chamado Cristo. O Talmude Babilónico também faz menção de Jesus Cristo, no Livro 18, capítulo 3, secção 3.

Jesus Cristo *esteve* aqui na terra. Não há dúvida acerca disso. Ele não foi só uma figura bíblica; no entanto, esquecemos por vezes que os Evangelhos são também documentos históricos autênticos, que datam de poucos anos depois da Sua vida na terra.

Agora que sabemos que Ele *esteve* aqui, *porque* esteve Ele aqui? Ele veio por amor. Amor de quem? Amor de Deus.

«Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna». João 3:16.

Pensai neste mundo da pior maneira que vos seja possível. Pensai nas piores pessoas que têm vivido nele, através da história. Pensai nos pecados e quedas das pessoas que conheceis. Pensai nas manchas escuras do vosso próprio coração. Pensai na cobardia, impureza, orgulho, injustiça, tão naturais para todos nós. Este mundo está cheio de tais coisas, e apesar disso é ainda o objecto do amor de Deus. Este mundo perverso, pecador, ímpio é o amado mundo de Deus. Ele ama os homens. Ele ama todas as pessoas — não porque são pecadoras, mas apesar desse facto. Ele viu a nossa necessidade e fraqueza e enviou o Seu Filho para nos remir.

Isto é o Evangelho. Isto são as «boas novas». O pecado humano é o grande problema do mundo. Ninguém pode alcançar o Céu de Deus a não ser que seja justo — precisamente como Deus o é. Dizeis que isso é impossível? Não o digais, porque não é verdade. Jesus veio para nos revelar Deus e nos oferecer a justiça do próprio Deus. Isto é tão simples como um, dois, três! Um, pronta e gratamente aceitamos o que Cristo fez por nós. Dois, cremos n'Ele como Salvador do mundo e aceitamos o Seu sacrifício expiatório no Calvário, não dum modo geral por todos os homens, mas

por cada um de nós individualmente. Três, pela fé recebemos o perdão de Deus, baseados no completo cumprimento por Cristo de toda a justiça, que então se torna nossa — e nós *somos salvos*.

Esta palavra *salvo* tal como é usada nas Escrituras significa muito. Somos salvos da condenação da santa lei de Deus, que comina a pena de morte para toda a infração. Não só somos salvos *do* pecado, mas somos salvos pela justiça de Cristo. Tudo isto se tornou possível pelo sacrifício expiatório de nosso Senhor Jesus Cristo sobre a cruz. Isto foi profetizado no Velho Testamento; «Olhai para Mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra.» Isaías 45:22.

Quando os filhos de Israel estavam no deserto e foram mordidos por serpentes venenosas, Deus mandou Moisés fazer uma serpente de metal e levantá-la sobre um poste, de sorte que todo o que olhasse para essa serpente pudesse ser curado. No olhar da fé encontravam o dom da vida.

Jesus tomou o nosso lugar sobre a cruz. Ele não tinha pecado, mas foi considerado como um pecador, «levando Ele mesmo em Seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro». (I Pedro 2:24.) Ao olharmos para Ele com fé, vivemos.

Cristo não é só o Caminho; Ele é o *único* Caminho. Ele é a resposta para o grande problema da terra — isto é, como tornar-nos justos. Devemos receber esta justiça como um dom de Deus e recebê-la por meio de Cristo.

Não somos salvos pelo simples facto de acreditarmos numa doutrina. Somos salvos crendo em Cristo como nosso Salvador. Devemos confiar n'Ele de todo o nosso coração. Jesus Cristo é o único «santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores». (Hebreus 7:26.) Ele é o único Caminho da salvação. Ele é a única Resposta — mas resposta gloriosamente satisfatória — para todas as nossas necessidades de pecadores.

Filho do Homem

Cristo era jovem quando morreu — tinha só trinta e três anos de idade. Ele

não era apenas o Filho de Deus; era também o Filho do homem.

Não podemos imaginar quanto a Sua morte O angustiou! Durante a Sua agonia no Jardim do Getsêmane, sabendo que enfrentaria a cruz na manhã seguinte, orou para que fosse libertado dessa terrível hora. Todavia humilhou-Se até à morte, e disse: «Pai, ... não seja como Eu quero, mas como Tu queres». (Mateus 26:39.)

No dia seguinte, quando O levaram para o Calvário, O lançaram por terra e O pregaram na cruz. Ele não proferiu uma única palavra de queixa ou censura. Suportou os mais terríveis insultos e humilhações por parte da turba e dos Seus inimigos «oficiais». Como insulto supremo, foi crucificado entre dois ladrões, sugerindo-se assim que Ele era o principal dos criminosos. Cumpriu-se nesse dia uma antiga profecia, que diz: «Ele foi oprimido, mas não abriu a Sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, e Ele não abriu a Sua boca». Isaías 53:7.

Como Pilatos, podemos ficar surpreendidos com a eloquência do silêncio de Jesus. Ele suportou terrível escárnio e dor, sem Se vingar. Com uma palavra podia ter banido da existência os Seus inimigos. Podemos quase vê-lo suspenso na cruz. Ele não necessitava de morrer. Podia ter voltado para o Céu e sido perfeitamente justo e irrepreensível. Podia ter-nos deixado a todos nos nossos pecados e sujeitos à morte que merecemos. Mas não o fez. Ele era o voluntário de Deus para a nossa salvação. Como a profecia declarou, «foi contado com os transgressores». (Isaías 53:12.) Porquê? Para que todos os que são transgressores pudessem ser remidos.

Ele foi tratado como merecemos ser tratados, a fim de que pudéssemos ser tratados como Ele merece. Quando Se encontrava em Seu último sofrimento e agonia, o ladrão arrependido reconheceu-O como Senhor e pediu para ser lembrado quando Ele entrasse no Seu reino. Então dos quebrantados lábios de Cristo vieram estas maravilhosas palavras: «Em verdade te digo hoje que estarás comigo no paraíso». Je-

sus nunca se afastou de ninguém que fosse até Ele em sinceridade. Podemos fisicamente estar mais longe d'Ele do que o ladrão, mas não mais longe espiritualmente. As vossas orações e as minhas são sempre sintonizadas no Céu se forem sinceras. Pelo Seu Espírito Santo Jesus está sempre connosco. Ele pode ouvir cada uma das nossas palavras — sim, cada um dos nossos pensamentos!

«Vinde a Mim»

Muitas pessoas receiam voltar-se para Ele, mas Ele revelou o Seu amor no Calvário. Ele e o Pai Celeste são um no Seu amor. Ambos estão aguardando, ansiando que façamos o primeiro movimento. Então pelo Seu Espírito Santo Deus dá-nos realmente fé para responder ao Seu precioso convite: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve». Mat. 11:28-30.

Porque não vimos a Ele? Ele convidou-nos. Ele é a resposta para todas as nossas necessidades, e Ele oferece perdão para todos os nossos pecados. Ele promete-nos amizade. Promete que nunca nos deixará nem nos abandonará. (Hebreus 13:5). Dá-nos força para vivermos *hoje*, com a guia do Seu Espírito para todas as nossas actividades. Promete o dom da imortalidade na Sua gloriosa segunda vinda, a vida eterna num maravilhoso mundo do futuro que ultrapassa tudo quanto possamos imaginar.

Realmente, amigo, porque não nos voltamos pronta e voluntariamente para Ele em busca de auxílio, *agora*? Experimentai!

Suponde que um estudante no laboratório de uma universidade é designado pelo professor para fazer certa experiência cujos diferentes passos são esquematizados numa folha dactilogra-

fada que lhe é dada. Ele vai para o laboratório mas decide não seguir o esquema que lhe foi dado — tentará de uma maneira diferente. Ele inverte a ordem; duplica ou diminui a quantidade deste ou daquele elemento. Se no fim, em vez da reacção esperada, ele tiver uma explosão desastrosa, poderá culpar o professor? A resposta é clara.

A Bíblia diz que se aceitarmos o Senhor Jesus Cristo como nosso Salvador pessoal, para perdão dos nossos pecados, força diária para uma vida victoriosa, conforto na aflicção, luz nas trevas, Ele nos dará vida que se mede com a vida de Deus. Que direito temos para criticar, hesitar ou duvidar antes de o termos provado? A Bíblia diz: «Provaí e vede que o Senhor é bom.» Salmo 34:8.

Por vezes surgem perguntas perturbadoras em cada coração humano. Mas achamos por fim que todas se resumem numa só — qual é o significado da vida? Cristo é a resposta a esta pergunta.

Pela criação sois um filho ou uma filha de Deus. Mas tomastes parte na grande rebelião contra Ele. Perdestes todo o direito à vida eterna; estais sujeitos à morte. A não ser que a vossa relação com Deus seja restaurada, essa morte será finalmente eterna.

Amais a vida. Quereis viver para sempre? Quereis uma alegria que persista mesmo no meio de vossas lágrimas? Quereis viver e aprender a desfrutar as infinitas possibilidades para as quais Deus vos criou? A resposta clara é: Sim. Voltai-vos para Cristo e tereis a resposta.

Lembraí-vos de que não decidir é já uma decisão. Que oportunidade teve Pilatos! Ele procurou evitar uma decisão pessoal; procurou transferir o seu problema para outro homem. Mas não pôde escapar; Cristo voltou para ele. Pilatos procurou expulsar a convicção como muitos hoje fazem; mas Jesus não o deixou prosseguir sem mais luz. Quando ele perguntou a Jesus se era Rei, Jesus disse: «Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a Minha voz». João 18:37.

«Quid est Veritas?»

No fundo do seu coração, Pilatos desejava provavelmente conhecer a verdade. Muitos filósofos do Seu tempo tinham chegado à conclusão de que a verdade nunca podia ser conhecida. Não sabemos se Pilatos era influenciado por esta escola de cínicos ao perguntar ansiosamente: «Que é a verdade». Mas ele não aguardou pela resposta. A multidão tumultuosa chamou-o para os problemas do momento. Ele podia perder a sua posição. Grandes coisas estavam em jogo sob o ponto de vista mundano. Pilatos nunca encontrou a luz de que seu coração estava faminto, porque atendeu ao clamor da multidão em vez de ouvir a Cristo.

Não sabemos que língua Pilatos usou na sua conversação com Jesus. Mas se

era o latim, a língua de Roma Imperial, esta pergunta «Que é a Verdade?» seria *Quid est veritas?* Dando outra disposição às mesmas letras, teríamos as palavras latinas, *Est vir qui adest*, ou «É o homem que está diante de ti». Que maravilhosa resposta à pergunta de Pilatos: «Que é a verdade?» Mas Pilatos nunca a ouviu. Estava ocupado demais.

Para todos os que O recebem, Jesus é na realidade «o Caminho, a Verdade e a Vida». (João 14:6). E isto, pela graça de Deus, Ele será para vós se vos voltardes para Ele de todo o coração.

Meu jovem amigo, quem quer que sejas, agora, enquanto tens a oportunidade, enquanto o Espírito Santo pleiteia com o teu coração, não queres aceitar o Senhor Jesus como teu Salvador, Rei e Senhor, e dar-lhe a tua vida em serviço de amor?

